

*N.º 1.*

# BEQUIMÃO

DRAMA HISTORICO EM 7 ACTOS

POR

SABBAS DA COSTA.



*Jean Temaroux et de Seine 57 Paris*

*Sabharwal*

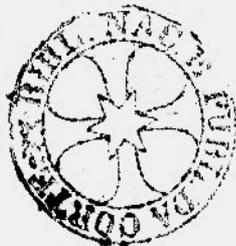
N.º 1.

# BEQUIMÃO

DRAMA HISTORICO EM 7 ACTOS

POR

SABBAS DA COSTA.



MARANHÃO:

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ MATHIAS,  
rua Grande, n. 19.

1866.



14.810  
1959

## PERSONAGENS.

---

GOMES FREIRE.  
BEQUIMÃO.  
CATHARINA.  
MARIA.  
THOMAZ.  
LAZARO DE MELLO.  
PADRE DEIRÓ.  
PADRE IODOCO PERES.  
TEIXEIRA DE MORAES.  
FREI ELYAS.  
FREI IGNAGIO.  
EUGENIO MARANHÃO.  
JORGE DE S. PAYO.  
SERRÃO DE CASTRO.  
BARTHOLOMEU.  
COSME.

*Padres da ordem de Jesus, soldados, cons-  
piradores povo e pobres.*

A SCENA PASSA-SE EM MARANHÃO

de

1683 a 1685.

# BEQUIMÃO.

---

## ACTO I.

SALA.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

CATHARINA e MARIA.

MARIA entrando.

Ainda trabalhaes, minha mãe?

CATHARINA cosendo sentada em uma cadeira.

Sim, minha filha. Quero que teu pai ache ao menos os lenços e as toalhas em estado de poder usar, que não os encontre rotos e esfarrapados, já que não encontra dinheiro, como devia.

MARIA.

Mas meu pai deve chegar hoje, e não é este dia muito proprio para estardes trabalhando. Em recompensa do

muito que elle soffrera do despota ex-governador Ignacio Coelho, que, sem coração, sem alma e sem piedade, homem de bronze como todos os governadores que do reino mandão ao Maranhão, nós só devemos estar alegres e só occupadas em esperal-o, esquecendo-nos dos seus tyrannos e algozes.

CATHARINA deixando a costura.

Filha, não uses d'essa linguagem que nestes tempos calamitosos, no meio dos barbaros que nos cercão, é inconveniente. És filha de Bequimão, e esse fallar pode novamente comprometter a teu pai. Elle chega hoje do seu infernal desterro, porque a carta regia assim determinara. Apenas restituído ao seio de sua familia, não tendo sido considerado criminoso, poupemos aos seus inimigos a facilidade de o accusarem novamente.

MARIA.

Com calumnias e mentiras armou-se Ignacio Coelho para achar meio de mandar prendel-o em Gurupá, á mais de duzentas leguas distante de nós, sem que tivesse culpa ou commettesse attentado criminoso, que a isso o condemnasse! É um despotismo atroz, de que meu pai deve vingar-se.

CATHARINA.

É o sangue nobre de Bequimão que te ferve nas veias. Maria, teu pai não se pode vingar de Ignacio Coelho, que, como sabes, ha muito substituído no go-

verno por Sá e Menezes, acha-se actualmente no reino de Portugal. Bequimão deve esquecel-o e curar dos nossos interesses. A lavoura nada tem dado, e o pouco que nos resta a má sorte empenha-se em acabar. O nosso engenho «Santa Cruz,» no Mearim, que sempre fôra tido como o melhor da capitania, pouco produz, e sem meios difficil nos é sobreviver com honestidade, se continuarmos a residir na cidade. Devemos ir para o engenho e de lá só voltarmos quando esquecidos estiverem todos de que Bequimão existira; e então, ricos, muito ricos, te faremos feliz. A pobreza, Maria, não deve ser o teu dote.

MARIA.

E Lazaro que se dizia administrador da nossa lavoura tudo deixa ir pela agua abaixo! E ousou esse inepto.....

CATHARINA.

Lazaro é como todos os procuradores, descuidados e pouco interessados no progresso d'aquillo que lhes não pertence. Lazaro crê-se nobre e grande....

MARIA.

Por mais nobre que seja a sua origem, foi um orphão que meu pai criou, e que tratastes sempre como meu irmão ou vosso filho. Não é meu pai seu padrinho, o protector que o tem coberto de beneficios? Que o estabeleceo? que o fez feliz?

CATHARINA.

Bequimão creou a Lazaro como se fosse seu filho, e para nós não ha differença entre ti e elle no tratamento e na amizade. Mas Lazaro anda ultimamente contrariado no seu amor infeliz, porque o contacto contigo germinou-lhe no coração esse affecto santo, que eleva-nos muitas vezes a crêrmo'-nos de essencia divina, e tu, Maria, não correspondeste a essa paixão ardente que Lazaro te consagra e o trata com desdem....

MARIA.

Não gosto d'elle, seus modos são hypocritas e nunca encara direito com a gente. Se está nos fallando, tem os olhos pregados no chão. Tenho observado que estreita suas relações com Teixeira de Moraes, a quem a voz publica accusa de haver deprimido meu pai na presença do governador Sá e Menezes. Quem sabe se o que hoje consideramos virtude, amanhã não se considerará um crime?

CATHARINA.

Como sinto viva alegria com a esperanza de abraçar teu pai! O meu coração salta de contentamento.... vou vê-lo.... abraçal-o.... oh! como nos tarda essa felicidade! Comtudo não sei porque, no meio de tantas esperanças, se me arreceia o espirito? Desejando tel-o a meu lado, tenho medo de o vêr novamente envolvido em intrigas da capitania. Aquella feiticeira prognosticou

a Bequimão um terrível fim, de que só o lembrar-me faz frio suor banhar-me o rosto.

MARIA.

E minha mãe dá credito a malefícios? Já se passarão mais de vinte annos que essa mulher prophetizou a meu pai um negro futuro, e felizmente creio que não passou de um meio empregado por Ursula Albanez para adquirir dinheiro.

CATHARINA.

Ursula Albanez fora uma terrível e singular advinha, e a sua fama causou serio receio, porque já o povo temia o poder d'essa feiticeira, o que obrigara o senado da camara a ordenar a sua deportação em 1665. N'esse tempo teu pai era rapaz e solteiro, muito mettido nos negocios publicos, opinando pelo povo, ao lado do qual sempre se achava. A isso deve elle ter sido nomeado vereador da camara em 1668, e tão partidario continuou a ser como quando era simples cidadão. N'um d'esses serviços prestados ao povo, com o qual de continuo andava, encontrou a fatal Ursula Albanez que o conheceo pelo ardor com que defendia os direitos do cidadão, e quiz, a infernal feiticeira, vaticinar o seu futuro, e teu pai sem crer na bruxa deixou que ella lésse a sua sina. . . . .

MARIA rindo-se.

A buenadicha?

## BEQUIMÃO.

CATHARINA.

Foi horrível o que Ursula Albanez antevera nos arcanos do futuro. Bequimão nem d'ella se lembra, mas todas as vezes que o vejo em lidas e tumultos recordo-me de Ursula Albanez.

MARIA.

Advinhou ella, certamente, que meu pai morreria victima da causa popular, ou como um martyr da patria?

CATHARINA.

Não. Mas prognosticou que um traidor levaria teu pai á forca.

MARIA horrorisada.

Jesus! Quem será o traidor?

SCENA 2.<sup>a</sup>

DITAS e LAZARO.

LAZARO para Catharina.

Alegrai o vosso coração, senhora, meu padrinho acaba de chegar.

CATHARINA.

Elle ! Bequimão ! Lazaro, diz-me, já o viste ? está velho ? vem acabado ? com os cabellos brancos, a face enrugada e curvado o corpo ? Lazaro, como vem elle ?

LAZARO.

Não o pude vêr. Desembarcara no caes de Palacio, e foi conduzido á presença do governador Sá e Menezes. Quando cheguei apenas encontrei o povo agglomerado ás portas de palacio e avido por ver o recémchegado.

MARIA.

Emfim chegou!

CATHARINA de joelhos.

Graças, meu Deos, graças vos dou por me haverdes restituído o meu esposo (*ergue-se*). Maria espera aqui por teu pai. Logo que o vires, chama-me. Quero ter tudo preparado para a sua recepção. Oh ! elle muito ha de estranhar a miseria em que vivemos (*sabe*).

SCENA 3.<sup>a</sup>

MARIA e LAZARO.

MARIA.

Em que estado, Lazaro de Mello, nos deixaste cahir ?

LAZARO.

Accusas-me, Maria?

MARIA.

Meu pai chegou, é a elle que tens de prestar contas e não a mim. Para accusar-te seria necessario poder punir-te. Eu nada posso fazer, só lastimo a fortuna que te confiarão, e de que não poderás dar conta.

LAZARO.

Julgava, Maria, que a chegada de teu pai abrandasse a tua cholera, mas illudi-me. Inexoravel sempre, sempre cruel!

MARIA.

E que explicações podes dar a essa tristeza, cujos traços diviso em teu rosto? Será meu pai o causador de teus soffrimentos, Lazaro de Mello?

LAZARO.

Não. São os teus olhos que me vêm, são os teus pensamentos que enxergão agora. Se trago a tristeza estampada no rosto, sabes porque é, Maria? Se a minha alegria não é igual a tua, ignoras a causa? . . .

BEQUIMÃO.

9

MARIA com dignidade.

Lazaro de Mello !

LAZARO.

É porque mataste em meu coração toda a felicidade possível ! Esmagaste com os teus desdens as minhas mais doces esperanças ! Não pode sentir prazer quem vive submergido em magoas ; o riso foge quando a desgraça impera. Como queres, Maria, que partilhe contigo a alegria, se me não amas ?

MARIA.

Mas eu estimo-te como um irmão, como um afilhado criado por meu pai, e que commigo passou os dias da infancia. . . .

LAZARO.

E o que me importa essa estima quando eu te peço amor ?

MARIA.

Amor ! Eu só amo a meus pais. É a elles que meu coração ensina-me a amar, porque esse amor é verdadeiro e puro, nunca mente, nem me fará desgraçada.

LAZARO.

Maria, teu pai não tardará, espero que me poupes o dissabor de ser elle sabedor d'este amor infeliz, ao qual correspondeste com odio. Não quero corar diante do meu bemfeitor, por ter sido recusado por sua filha. Oh! ignore elle sempre que te amei. . . . que te amo.

MARIA.

Se meu pai souber tudo, não te hade querer mal por isso. Se me aborrecesses, causarias a Bequimão mais admiração.

LAZARO.

Mas elle, sabendo que te amo, poderia querer obrigarte a ser minha esposa, e. . . .

MARIA.

Mal tens estudado a meu pai. Como te illudes! Elle é pai e não tyranno! . . . É pai e não algoz. Meu pai jámais me arrastaria a um tal sacrificio.

LAZARO contendo a raiva.

Sacrificio! Chamas sacrificio! . . . Tens razão. O que vale Lazaro de Mello, para pretender a posse de Maria

Bequimão? Levei muito alto as minhas vistas, e tu foste como o sol, que nos obriga a abaixar os olhos quando ousamos encaral-o em suas alturas. Maria, esquece-me, que eu farei meu coração olvidar o passado.

MARIA.

Sinto passos. (vae a porta.) Que vejo! O Sr. Teixeira de Moraes!

## SCENA 4.<sup>a</sup>

DITOS e TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

Desculpe-me, menina Maria, se a vim interromper, mas desejava fallar ao Sr. Lasaro de Mello, e, morando elle aqui, vim procural-o. Vosso pai, meu bom e nobre amigo Bequimão, acha-se com o nosso governador Sá e Menezes. Elle não tardará a vir abraçar-vos e a vossa boa mãe. Deos deve premiar a vosso pai. É um dos heroes que mais fama ha de adquirir por seus feitos e sacrificios á bem do povo.

MARIA.

Todavia o accusaes junto do governador,

TEIXEIRA.

Eu! Que calúnia! Lembrai-vos, menina Maria, que pela calúnia vosso pai foi levado ao desterro, não queira a calúnia lançar o pomo da discordia entre mim e a familia Bequimão.

MARIA.

Se não é o Sr. Teixeira de Moraes, quem então accusa meu pai junto do governador?

TEIXEIRA á parte a Lazaro.

É necessario descarregar a culpa sobre alguém. (alto) Menina Maria, eu vos posso garantir que sempre que fallo ao governador em vosso pai é em seu favor. Pascoal Jansen é quem o guerreia com empenho. Elle allega as suas razões, e a menina Maria deve crêr que ellas são justas, porque Pascoal Jansen prevê que vosso pai se vem oppor ao estanco, meio que elle descobrio para enriquecer á custa do povo e do estado.

MARIA olhando para Lazaro.

Pascoal Jansen é um outro. . . .

BEQUIMÃO.

13

LAZARO.

Acabai.

MARIA.

Cemprehenderão-me perfeitamente (retira-se com nobreza.)

## SCENA 5.<sup>a</sup>

LAZARO e TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

Então casaes ou não casaes, meu charo Sr. Lazaro, com esta pequena?

LAZARO.

Não a ouvistes? Ella não me ama, detesta-me.

TEIXEIRA,

A razão é obvia, mas eu não julgo que a mulher careça de amor para casar. O amor é uma chimera, e o

casamento uma realidade. Ora, Sr. Lazaro, onde está a realidade não pode existir a chimera.

LAZARO,

Maria julga-me, com razão, causador do atraso em que se acha a fortuna de seu pai. Oh! eu a comprehendí quando ha pouco fallava de Pascoal Jansen. Seus olhos fulminarão-me.

TEIXEIRA.

E as vossas esperanças evaporão-se como uma popularidade de capitania? Sr. Lazaro de Mello, sois ambicioso?

LAZARO.

Muito.

TEIXEIRA.

Se não augmentastes a fortuna de Bequimão, a vossa cresceu extraordinariamente. Assim, casando Bequimão sua filha com Lazaro de Mello, essas fortunas reunidas tornar-se-hão como o rio, que recebe em seu seio as aguas de muitos ribeirões.

LAZARO.

Sempre me trataes assim! Censuraes o meu procedimento, e não me aconselhaes o que devo fazer.

TEIXEIRA.

Recuaes, apenas uma mulher vos diz: não te amo. A taes homens temo aconselhar, meu caro Sr. Lazaro. Acho-vos pusilanime para conquistas amorosas. Não sabeis levar agoa ao vosso moinho, e já possuis um moinho magnifico, emquanto que Bequimão está prestes a ficar sem o delle.

LAZARO.

Suspeitaes como Maria....

TEIXEIRA.

Não suspeito como a menina Maria, eu tenho certeza que dilapidaes com geito e talento a fortuna de vosso bemfeitor. Talvez tenhaes traçado em vosso plano de conquista empobrecer o pai para obterdes a mão da filha. Se assim é, dou-vos a palma de perito general em lides de amor.

LAZARO.

Sr. Teixeira de Moraes, para que me procuraveis?

TEIXEIRA.

Para prevenir-vos que Bequimão estava em palacio com o governador. Já o vi, mas fugi de fallar-lhe na presença de Sá e Menezes.

LAZARO.

Temestes algum compromettimento?

TEIXEIRA.

Escutae-me, Sr. Lazaro de Mello, e estou convencido que havemos de chegar á um accordo. Vós amaes cegamente a menina Maria, tendo é verdade amado o dote em primeiro lugar. Ella, assim como vós, está no verdor dos annos. Cheios de esperanças, o futuro pode leval-os bem longe. Como somos differentes! Eu, eu não gasto o tempo em amar mulheres; não. Só ambiciono a gloria, que me ha maltratado muito, e protegido tanto a Bequimão.

LAZARO.

Comprehendo-vos. Sois rival desse homem cheio de prestigio, que a fama immortalizará ainda. Lembrae-vos que estamos em casa d'elle.

TEIXEIRA.

Bem sei que esta casa pertence a Bequimão. Ainda hontem proscripto e desterrado, hoje regressa aos lares patrios mais orgulhoso que nunca. É esse orgulho, essa mesma nobreza e felicidade, que devo combater, auxiliado por vós.

LAZARO.

Por mim ! Pelo proprio protegido de Bequimão ? !

TEIXEIRA.

Sim. Escolhei: ou haveis de receber a menina Maria por vossa mulher e assim abatareis a soberba da altiva filha de Bequimão, que zomba do amor que lhe tendes, e haveis em troca d'essa victoria coadjuvar-me na derrota que almejo dar em seu pai; ou o vosso bemfeitor receberá estes papeis *(mostra alguns papeis)*, documentos incontestaveis do meio que empregastes para passar a fortuna do vosso protector para as vossas mãos. Aqui estão papeis que provarão a Bequimão as colheitas que o seu engenho teve durante o seu desterro, vendidas ao estanco e subtrahidas ao seu legitimo dono.

LAZARO.

Sr. Teixeira de Moraes, esses papeis. . . .

TEIXEIRA guardando os papeis.

Encerrão uma narrativa minuciosa e fiel das vossas gentilezas de procurador. Será facil a Bequimão descobrir a verdade, porque diz o proverbio—quem cabras não tem, e cabritos vende...

LAZARO.

Estaes senhor do meu segredo, podeis perder-me, eu o sei; fallai, contai commigo.

TEIXEIRA.

Ainda bem que nos entendemos. Pascoal Jansen por vezes tem se servido de minha influencia; desta vez servio-me elle com o seu estanco, fornecendo-me documentos contra vós.

LAZARO.

Serei um instrumento para a vossa vingança. O que quereis?

TEIXEIRA.

Pouco ou nada. Os papeis que vos podem perder serão inutilizados, vós recebereis Maria por esposa e

eu. . . . eu me vingarei da fortuna, que pretende supplantar-me para elevar Bequimão. Nada mais quero. O seu genio incompreensível, o espirito inquieto que o agita de continuo, extravagante em suas pretensões, ora sagaz como a raposa, ora leviano como um menino, bem conheço, para acautelar-me.

LAZARO.

Mas eu tudo lhe devo. . . . sou quasi seu filho.

TEIXEIRA.

E o defenderieis certamente, se não estivesseis tão compromettido. Fazeis bem. Bequimão se tivesse, ainda depois de o haverdes defendido, as provas do vosso delicto, lançar-vos-hia fóra de casa. . . como. . . como. . .

LAZARO.

Como um infame ?!

TEIXEIRA.

Como um cão. Perderieis assim o vosso credito, e tambem a posse de Maria.

LAZARO.

O que dizeis ? Determinai, obedecerei cegamente.

TEIXEIRA.

Não percamos o precioso tempo. (falla baixo a Lazaro.) Bequimão não se pode demorar. Regressou de Gurupá; e hoje qual martyr coroadado de espinhos, com as carnes rotas e lavado em seu proprio sangue insinua ao povo que lhe deve recompensar tantos sacrificios. Nasceu com a mania de ser grande e com ella hade morrer. Elle me tem deixado na mais despresivel condicção, e o odio que lhe tenho é grande, é immenso. Miseravel! que até renegou o nome allemão, Beckman, de seus pais aportuguezando-o para Bequimão.

LAZARO.

E que vingança procuraes?

TEIXEIRA,

Mais tarde sabereis. Vingando-me haveis de tirar a vossa desforra tambem. Bequimão compromettera-se muito, insubordinando-se pela nomeação que Ignacio Coelho, então governador do Maranhão e Pará, fizera de Vital Maciel Parente para capitão-mór do Maranhão, resultando de sua rebeldia o passeio forçado, que deo a Gurupá. Os olhos do rei e do actual governador estão cravados nelle, e á menor tentativa de rebellião não se livrará de uma punição terrivel. A alliança entre nós é de absoluta necessidade; pertencemos um ao outro, e em tudo devemos obrar de accordo. Se eu penso, vós

executaes ; se represento a cabeça , representaes o braço.

LAZARO.

E o que devo fazer ?

TEIXEIRA.

Ouvistes ha pouco como desculpei-me com a menina Maria. Neguei ser eu o accusador de seu pai, e apresentei Pascoal Jansen como responsavel. Tenho aproveitado as lições do prior da ordem de Jezus, que ensinou-me que sempre dissimulasse, e sabeis quanto é amestrado nesta materia o respeitavel Iodoco Peres. Deveis fingir obediencia cega a Bequimão, mas fugi de comprometter-vos com elle. Seu irmão Thomaz tem querido passar por sabio e poeta, rabiscando satyras e epigrammas offensivos aos caracteres mais nobres da capitania, e, louco, pretendeu sublevar o povo, orando da janella da Camara, contra o estanco que bem interesse dá a Pascoal Jansen. O padre Antonio Vieira foi o alvo de seus melhores tiros, e certamente Thomaz levaria a bom exito seus projectos, se Balthazar de Souza, capitão-mór da capitania, não dissolvesse o povo que o ouvia. Já vêdes que Bequimão e seu irmão estão mal quistos, e que com elles não devemos arriscar as nossas cabeças, as nossas esperanças futuras. . . .

LAZARO.

Calai-vos que alguem chega.

SCENA 6.<sup>a</sup>

DITOS e DEIRÓ.

DEIRÓ.

Pois ainda não está em casa o nosso desterrado?

LAZARO.

Esperamos por elle.

DEIRÓ para Teixeira.

Tambem o esperaes, Sr. Teixeira de Moraes?

TEIXEIRA.

É verdade. Espero-o como um velho amigo.

DEIRÓ.

Bequimão, emfim, acha-se entre nós. Soube que estava em palacio, e como sou pouco amigo de entrar nas casas dos despotas, corri a encontral-o aqui, onde vejo que cheguei primeiro do que elle. É celebre que os meus pensamentos e desejos sejam em tudo iguaes aos

seus! O seu genio cheio de bondade e a nobreza de sua alma muitas vezes me faz crer, que Deos transmite-me a sua Divina vontade pelos labios e accões de Bequimão. Talvez seja isto pueril e mesmo um contra-senso, mas o que querem? Nós combatemos os despotas e o despotismo, elle com a espada e a eloquencia, eu com o rosario e com Deos.

## TEIXEIRA.

A guerra que fazeis ao despotismo é proverbial. Escreveis muitas vezes ao governo do rei contra o governo da Capitania.

## DEIRÓ.

A minha missão não é fazer escravos. A cathequese que me interessa, a que me occupa não é chamar indios a fé do nosso Redemptor com o fim de escravisal-os, como quer o cynico publicista Manoel Guedes Aranha, não; cathequiseo para o gremio da nossa religião a incredulos que a ignorancia cega, mas esses quero que sejam livres, porque são nossos iguaes, como são nossos semelhantes.

POVO fóra, ao longe.

Viva Bequimão! Viva Bequimão! Viva!

## BEQUIMÃO.

DEIRÓ.

Ei-lo que se aproxima de nós. Vou emfim abraçá-lo.  
Mas onde estão Catharina e Maria?

LAZARO.

Ellas não se farão esperar. Vêde.

SCENA 7.<sup>a</sup>

TEIKEIRA, LAZARO, DEIRÓ, CATHARINA e MARIA.

MARIA.

O padre mestre Deiró! (beija-lhe a mão.)

CATHARINA.

Padre, Deos me envia o meu marido.

DEIRÓ.

O nosso amigo.

POVO perto.

Viva Bequimão! Viva Bequimão! Viva

DEIRÓ sacudindo o chapéo.

Viva Bequimão! (vendo que Lazaro e Teixeira não o acompanhão.)  
Então, Lazaro, não dás commigo um viva ao teu bem-  
feitor? E vós, Sr. Teixeira de Moraes, deixaes-me só,  
quando deviamos todos gritar com frenesi: viva Bequi-  
mão! (a parte a Maria.) Não os perderei de vista. (alto.) D. Ca-  
tharina, Maria, vamos receber aquelle que nos é mais  
que tudo caro.

MARIA.

Vamos.

POVO fóra á porta.

Viva Bequimão! Viva Bequimão! Viva!

CATHARINA.

A felicidade torna a sorrir-nos. (vão á porta.)

## SCENA 8.<sup>a</sup>

DITOS, BEQUIMÃO, THOMAZ e POVO á porta.

BEQUIMÃO abraçando a Catharina e Maria.

Esposa! Filha!

CATHARINA chorando.

Bequimão! (abraçada com Bequimão.)

MARIA abraçada com Bequimão.

Meu pai! Meu querido pai!

DEIRÓ.

O egoismo e o muito fallar são privilegios femininos. E esta! chora-se, quando devemos todos rir! Oh! lá, Bequimão, então eu não tenho um abraço? Não sou do peito, como essas que te apertão em seus braços? Se o padre deve abraçar-se com a cruz; sê a cruz deste padre.

BEQUIMÃO abraçado com Deiró.

Deiró, meu amigo! E tu, Lazaro, não me queres abraçar também?

LAZARO abraçando a Bequimão.

Meu bemfeitor!

BEQUIMÃO reparando em Teixeira de Moraes.

Estaveis aqui, Sr. Teixeira de Moraes, não vos tinha visto. As lagrimas de alegria cegarão-me, e não me deixarão ver um antigo companheiro, que tanto trabalhou commigo na causa que me levou ao desterro.

THOMAZ.

Não ousou interrogar o Sr. Teixeira de Moraes sobre o que o trouxe aqui; mas, sabendo que muito nos deprime junto ao governador, desejava a explicação deste seu procedimento.

TEIXEIRA.

Victima de uma intriga, vejo-me malquisto com esta familia, a qual tanto preso. É do meu dever desmascarar o infame, que atira sobre mim seus feitos infernaes. Pascoal Jansen vos teme, e receia de vós, Bequimão, uma guerra terrivel, que o pode prejudicar nos seus interesses. O estanco, estabelecido como está, é uma mina, da qual elle tira immensos resultados. Esse pesado tributo o povo de má vontade supporta; as ovelhas podem fugir do lobo para não serem devoradas; e Pascoal Jansen encherga em vós o pastor que as protegerá, pois sois popular e de grande prestigio. É elle, e só elle, quem vos deprime.

BEQUIMÃO estendendo a mão a Teixeira.

Não poderia acreditar que fosseis traidor.

DEIRÓ á parte a Thomaz.

E eu sim.

TEIXEIRA apertando a mão que Bequimão lhe estendera.

Fiel e leal, eis a minha divisa.

BEQUIMÃO.

O governador longo tempo conversou commigo; achei-o um bom homem. Ignacio Coelho era muito peor. Pobre de espirito! O degredo não é uma sentença que aniquile o homem como a pena de morte. A pena de morte é cortar a planta pela raiz; mas o degredo para o homem é o mesmo que a estufa para a planta, onde ella vive, cresce, floresce, e vem afinal a dar fructos. Ignacio Coelho não andou bem. A minha cabeça valeria menos decepada do que sobre os hombros, como elle deixou-a. Os grilhões entorpecião-me os pés, mas o pensamento era livre. Maciel Parente governou como capitão-mór, e eu fui tomar ares em Gurupá; mas tudo pertence ao passado. Hoje só devo abraçar minha mulher, minha filha, e meus amigos. Como passaste, minha amavel Catharina? E tu, Maria? Eras tu em quem eu mais pensava na prisão de Gurupá. Na tua idade, quão necessaria não é a vigilancia de um pai! Felizmente não vos deixarei mais.

DEIRÓ.

Deos hade assim permittir.

BEQUIMÃO vendo pobres á porta.

Esquecia-me de vós, meus amigos. Nós e famintos,

enquanto outros terão abundancia de tudo! (para Catharina.) Quero que a nossa bolsa seja repartida com os necessitados. Então? Ficas immovel, minha boa amiga? Ainda tenho a mania de vestir os nús e dar de comer á quem tem fome.... Mas tu estaes tremula!

CATHARINA.

Bequimão, nós estamos pobres! (os pobres deixão a porta.)

BEQUIMÃO.

Pobres! E o nosso engenho? a nossa colheita? a nossa fortuna?

MARIA reflectindo comsigo.

Ah! (sahe.)

## SCENA 9.<sup>a</sup>

DITOS menos MARIA.

BEQUIMÃO.

Pobres! E elles que pedem-me esmolas! A miseria batendo á porta da pobreza! Oh! Ignacio Coelho, a que estado me reduziste! Pobre! Eu que era rico! Pobre!... O que fizeste, Lazaro de Mello, que não lutaste para

arredar d'aquelles que te adoptarão por filho esta miseria que agora vejo me cercando tão de perto? Cruzaste os braços á espera que as circumstancias te ensinassem a trabalhar! O engenho quebrou-se? morrerão-me os captivos? faltarão colheitas? A que devo esta pobreza?

TEIXEIRA á parte a Lazaro.

Eu respondo por vós. (alto.) Á perseguição de Ignacio Coelho.

BEQUIMÃO.

É assim que se deita a mais robusta arvore no chão; furta-se-lhe a terra, descarnadas as raizes, tomba e cahe. E Elrei mandou que eu fosse reprehendido PELA CURIOSIDADE COM QUE ME MOSTREI ZELOSO! Thomaz, quero deixar a cidade. Um barco conduza-me ao Mearim, e lá occultarei de todos o estado em que me deixou o despotismo de Ignacio Coelho. A cidade me peza; careço de descanso, quero partir.

DEIRÓ.

É bem pensado. O gigante deve dormir agora para despertar mais tarde, e com sua força destruir os abusos de que se alimentão os despotas.

SCENA 10.<sup>a</sup>

DITOS e MARIA.

MARIA a Bequimão.

Aqui tendes, meu pai. (dando uma bolsa.) O dinheiro que contem esta bolsa me foi dado por vós no tempo da vossa opulencia; sirva, quando vos achais na pobreza, para satisfazer os vossos generosos sentimentos.

REQUIMÃO.

Filha! (beija-a.)

DEIRÓ.

Esse dinheiro servirá para os arranjos da viagem.

BEQUIMÃO recebendo a bolsa.

Não; sirva elle para soccorrer os necessitados. (vendo a porta vazia.) Ah!

DEIRÓ.

O povo abandonou vossa porta. Não quiz exigir de vós mais este sacrificio.

BEQUIMÃO.

BEQUIMÃO.

Soou-lhe mal a minha pobreza; não podião esperar de um necessitado uma bolsa cheia de ouro! Elle nada pedia, eu era que lhes queria dar tudo. Lazaro, sabes onde habitão os mais pobres; vai repartir com elles este dinheiro.

LAZARO.

Senhor. . . .

BEQUIMÃO dando a bolsa.

Obedece-me.

TEIXEIRA á parte a Lazaro.

Esperae-me lá fóra.

LAZARO recebendo a bolsa.

O padre mestre Deiró vos aconselhava. . . .

BEQUIMÃO.

Vai.

SCENA 11.<sup>a</sup>

DITOS menos LAZARO.

TEIXEIRA.

É mais uma boa acção, uma generosidade de Bequimão.

BEQUIMÃO.

Estranha áquelles que só sabem tirar do povo, e comezinha aos que tudo sacrificão por elle.

DEIRÓ.

És um anjo de consolação para os pobres.

BEQUIMÃO.

Serei o que quizerdes, meu padre, vendo todos felizes.

CATHARINA.

Como nos sentimos ágora.

BEQUIMÃO.

A prisão, Catharina, deu-me a vida.

CATHARINA.

O que dizes, Bequimão ?

BEQUIMÃO.

A lucta das paixões teria uma morte certa em mim, se o ignorante Ignacio Coelho não ordenasse que me mettessem em longiqua e deserta prisão. Minha alma em desalento ia perdendo a fé que meu coração acreditara, quando os horrores do carcere despertarão em mim esses sentimentos então amortecidos pelo indifferentismo. Hoje não pertenço a mim, mas sim a esse punhado de homens, que commigo ousou affrontar Ignacio Coelho. É a elles que devo pagar um dia essa dívida, sagrada para mim. Pascoal Jansen e os despotas devem receiar sempre de Bequimão.

TEIXEIRA com fingida alegria.

Parto contente. É restituído ao povo o seu defensor.

BEQUIMÃO abraçando Catharina e Maria.

E a minha familia o seu amparo.

DEIRÓ.

E á liberdade o seu anjo da guarda.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

---

## ACTO II.

**INTERIOR** de um convento; compridas abobadas e arcadas de tijolo, tendo ao fundo, de um lado, um pateo onde a claridade da lua deixa vêr o matto crescido em abandono. A luz de uma alampada alumia a sala do convento; bancos guarnecem a sala, em cujo centro ha uma mesa com preparos para escrever. Frouxa luz dá a alampada. É noite.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

**IODOCO e TEIXEIRA.**

**TEIXEIRA.**

Chegastes finalmente sem que vos vissem. Ha muito esperava por vós. É nesta sala que devem reunir-se os conspiradores para darem a ultima de mão ás suas tramas. Ninguem pode penetrar até aqui sem apresentar primeiro a senha, dada por Bequimão, á Lazaro de Mello, que serve de porteiro esta noite neste convento quasi abandonado. A nomeação de Lazaro para guardar a entrada animou-me a vos propôr que viesseis assistir a reunião, occulto nestas galerias.

**IODOCO** com hypocrisia.

Nada deveis receiar. A vontade de Deos seja feita.

Foi o redemptor do mundo quem vos enviou para salvardes a ordem de Jesus de uma sanguinolenta carneficina, que seus inimigos lhe preparão. Temo desta revolta. Se ella principia pelo Governo, desconfio que acabe pela ordem de Jesus.

TEIXEIRA.

Nada conseguirão. Acautelai-vos para não sêrdes percebido pelos conspiradores. Lazaro é o unico que sabe da vossa estada aqui, mas elle pertence-me como o estanco pertence a Pascoal Jansen.

IODOCO.

O serviço que prestaes á minha ordem, Sr. Teixeira de Moraes, é immenso, como o poder de Deos. Não tendes despresado, os meus conselhos bem o sei; illudis a Bequimão com perspicacia, e seus cumplices, menos sagazes do que elle, mal podem suspeitar que entre as flores occulta-se a serpe, que as defende e vinga.

TEIXEIRA.

Sejamos prudentes como temos sido até agora. Lazaro nos avisará á chegada de algum conspirador, com

um toque na velha e ferrugenta sineta da portaria, com-tudo aconselho-vos, Padre Iodoco, que vos acauteleis, antes que a indiscrição vos comprometta.

IODOCO.

Deos designou-vos um lugar bem alto na terra, e guarda-vos no céu o premio de vossas virtudes. Este convento acha-se deserto; conheço-o perfeitamente, por isso garanto-vos, Sr. Teixeira de Moraes, que nada temo, depois que nelle entrei. O difficil era transpor a portaria; isso facilitastes; o resto corre por minha conta e á vontade de Deos.

TEIXEIRA

A prudencia. . . . . (ouve-se um toque de sineta.) Ouvis? É Lazaro que nos avisa a entrada dos conspiradores.

IODOCO.

Adeos. Esperar-me-has aqui quando vossos correli-gionarios. . . . Comprehendo-vos. . . . Sois dos nossos, como eu sou o prior da ordem de Jesus, e havemos defender os nossos direitos, ou com o roزاری, ou. . . . mostrando um punhal) como Deos quizer e determinar. (sahe pela galeria.)

TEIXEIRA para Iodoco, que parte.

Bequimão deve cair para eu subir (sahe pelo lado opposto ao que sahio Iodoco.)

SCENA 2.<sup>a</sup>

DEIRÓ e S. PAYO.

DEIRÓ para S. Payo, vindo do lado opposto ao que sahio  
Teixeira de Moraes.

A verdade deve apparecer sempre, como o oleo na  
agua.

S. PAYO.

O povo soffre, meu padre, e é sacrificado aos interesses de alguns espertalhões, que, acastelados com o nome do rei, e escudados na lei despotica do estanco, sugão o sangue do pobre que é obrigado a vender ao estanco pelos preços ali adoptados, o fructo de seu trabalho e d'elle comprar o que necessitar, porque só elle pode vender, alem de pagar-se o terço do que as colheitas derem, como tributo imposto pelo rei. Balthazar Fernandes, nosso capitão-mór, e o governador Sá e Menezes, servindo-se do assistente Pascoal Jansen, enriquecem á olhos vistos.

DEIRÓ.

Tendes razão, Sr. Sam Payo. Esse tributo pesado e duro que Sá e Menezes lançou em nome do rei sobre o povo desta capitania, é a causa da revolta que vamos fazer contra o capitão-mór Balthazar Fernandes, que na

ausencia do governador administra despoticamente o Maranhão. O jugo, por demais oneroso, deve acabar de uma vez. Hoje os conspiradores reúnem-se neste convento, sem poder causar suspeitas, visto que é um edificio quasi abandonado, ou despresado pelos seus donos, que desgostosos com as intrigas dos jesuitas, que os têm inimisado com o povo, vão cahindo no desagrado da população, em quanto elles gozão de influencia perniciosa e terrivel sobre esse mesmo povo que os crê. Aqui o estanco vai ser julgado. . . . Para isto fostes convidado, pois attendendo os vossos serviços, e o prestigio que tendes, sereis uma alavanca, que deslocará o despotismo de seus eixos.

S. PAYO.

Padre Deiró, esta conspiração pode ser feliz ou abortar; elevar-nos, ou arrastar os conspiradores ao castigo. Embora; acceito as consequencias. Já estou velho, pouco tenho que perder, para fugir a este sacrificio em que vos vejo compromettidos. Bequimão, que ha pouco chegára e já acha-se envolvido nestes negocios tem mais a perder do que eu. . . . e do que muitos.

DEIRÓ.

Bequimão acudio ao nosso chamado. O povo gemia e os seus soffrimentos despertarão-n'ó em Mearim. Sabeis que Bequimão tudo sacrifica pelo povo.

## BEQUIMÃO.

S. PAYO,

Tudo sacrifica sem interesse algum. É um homem singular.

DEIRÓ.

É um homem como esses que Deos só concede às nações com seculos de intervallo. Se a aureola de martyr lhe cingir a fronte, lembrai-vos que os martyres são recebidos por Deos como santos.

S. PAYO.

Alguem se dirige para aqui. Os passos repercutem por estes corredores desertos e escuros....

DEIRÓ.

Quem quer que seja é amigo. Lazaro de Mello serve de porteiro, e não deixará entrar ninguem que não seja dos nossos. *(olhando para o fundo.)* Ah! é o nosso irmão Fr. Elias.

SCENA 3.<sup>a</sup>

DEIRÓ, S. PAYO e ELIAS.

ELIAS.

Deos seja comvosco, padre mestre Deiró. Boas noites, Sr. Jorge de S. Payo.

S. PAYO.

O que ha de novo, respeitavel Fr. Elias?

ELIAS.

O capitão-mór Balthazar Fernandes, indolente sempre, sempre descrente, deixa-se em palacio indifferente aos negocios; não acredita que este povo pacifico se rebelle, e diz a quem quer ouvir que nada teme, que o vulcão deixará de fazer erupção com um pouco d'agua que elle lhe lançar!

DEIRÓ.

Meu irmão, o vosso espirito se rebella contra a indolencia do capitão-mór, e é essa indolencia que nos facilita o chegarmos sem obstaculos ao termo da viagem a que nos propomos. É verdade que não é pelo governador, nem pelo capitão-mór que temo ver mallogrado o nosso trabalho; se de alguém devemos receiar é d'esses beatos que, envolvidos no borel, e apadrinhados com as vestes de sacerdotes de Deos, abusão do nome do Altissimo para governarem a tudo e a todos. É a esses que mais desejo combater, aniquilar, e expellir para sempre de entre nós. Elles arruinão as mais comunidades, como o estanco ao povo, os governadores ao rei, e os assistentes aos governadores.

ELIAS.

Advinho os vossos projectos. O golpe que ides descarregar deve ferir a Ordem de Jesus.

S. PAYO.

Iodoco Peres sentirá os' effeitos da revolução. O raio lhe ha de cahir aos pés.

DEIRÓ.

Hypocritas, que com fingida humildade tudo affrontão e ousão! Sem recuar, caminhão sempre alçando o Crucificado, que lhes abre as massas populares, como Moisés abriu o Mar Vermelho. Mas elles, como os soldados de Pharáo, hão de morrer ao fecharem-se essas massas. Fr. Elias, vós que do alto do pulpito tendes prégado doutrinas que o povo recebe com prazer, não emmudecereis, certamente, nesta occasião, em que jogamos a carta que deve pôr termo a tal estado de cousas. A causa é commum. Nós cooperamos para a liberdade do povo contra o despotismo do estanco; concorra o povo para a independencia das nossas ordens, expulsando os jesuitas. Balthazar Fernandes é inepto, e essa inercia que o domina garante-nos uma victoria infallivel.

ELIAS.

Elles combaterão até a ultima. Pertinazes como são, recorrerão a todas as armas que estiverem ao seu alcance.

DEIRÓ.

Bem sei de quanto são capazes. Elles hão-de empregar todo o jesuitismo junto do povo, mas esse povo, já irritado contra elles, não lhes dará quartel e sem remedio se hão-de entregar a discrição dos vencedores. Iodoco Peres estimulou a Balthazar Fernandes, e d'esse indolente capitão-mór nada pode conseguir.

S. PAYO.

Deos queira que não venhão os jesuitas causar-nos embaraços.

DEIRÓ.

Eu vos garanto um triumpho completo. Se elles podessem lutar, accreditaes que, recolhidos em Santo Antonio, se deixassem reclusos nesse convento? O povo e Deos parece que os desprezarão neste momento. Fugindo da lucta que provocarão, esperão os acontecimentos, com fingida resignação, nos claustros que lhe servem de refugio.

SCENA 4.<sup>a</sup>

DITOS e FREI IGNACIO.

ELIAS.

Chega Fr. Ignacio. O que nos trazeis de novo, Irmão.

FR. IGNACIO.

Hoje pregando disse contra os jesuitas algumas verdades, e sei que o Padre Iodoco Peres não gostára de me haver expressado dessa forma. Empreguei as frases, padre Deiró, que em um sermão de quaresma deixastes cahir nos ouvidos daquelles que attentos e sofregos vos escutavão: QUE O REMEDIO O POVO TINHA EM SUAS MAOS, NÃO ERA NECESSARIO IR BUSCAL-O EM OUTRA PARTE. A nós compete applicarmos esse remedio, e com elle curarmos o mal que nos pode matar.

DEIRÓ.

Fr. Ignacio, já sois bem conhecido dos jesuitas; elles vos temem com razão. A vossa eloquencia os aniquilla. Guardai-vos de uma vingança traiçoeira d'esses pregadores de doutrinas que ensinão que o homem deve amar a Deos, depois de amar a elles! Todos sabem que não são pequenos os males que derramão de continuo.

S. PAYO.

Fallão tanto no nome de Deos. . . .

DEIRÓ.

Para servirem ao diabo. Na reunião que vamos ter meu voto será contra esses hypocritas religiosos, como contra o estanco que rouba ao povo. Será tarde o despertar de Balthazar Fernandes. Talvez seja quando a ira do povo não deixe mais escapar essa sanguexuga inti-

tulada capitão-mór. Deixando enraizar-se pelo povo a arvore da revolução, os germes medirão com feliz resultado, e após da queda do jugo despotico seguir-se-ha o exterminio do anjo decahido que encarnado nos jesuitas será expellido de nós, como fôra Lusbel da morada do Senhor. Longe e para bem longe levem suas malificas palavras cheias de veneno !

S. PAYO.

Já sinto os jesuitas irritados contra o novo governo que o povo eleger.

DEIRÓ.

Bequimão virá presidir esta reunião secreta, e devemos combinar os interesses do povo, com os interesses do clero.

FR. IGNACIO.

Os jesuitas derão queixa de nós ao Sr. Bispo.

DEIRÓ.

O Sr. Bispo se não envolve nestes negocios; se elle não é do nosso lado, não é contra nós. Fecha os ouvidos a esses gritos de desesperados que dão os hypocritas da Ordem de Jesus, e deixa a nossa causa correr livremente. Nada nos faltará para que a nossa victoria seja certa. Chegou Bequimão a quem julgarão abatido com o degredo. Elle se mostra como se nada soffrera e não

ha perigo que esse character nobre, esse homem cheio de sentimentos grandes, não affronte e arroste, deixando no iâr domestico a páz e o socego para acudir ao reclamo do povo que o chama seu bemfeitor. Em queijos fabricados na sua fazenda carteava-nos ha muito tempo, sem que desconfiassem, os mais atilados, d'esta communicacão que entretinhamos. A fructa está madura, devemos colhel-a.

S. PAYO.

Bequimão não se fez esperar. Chegando hontem, do Mearim já envolveo-se na causa do povo, e diz aos amigos que se admirão de o vêr na cidade que trouxe sua familia, para com elle passar a quaresma aqui.

DEIRÓ.

É uma boa desculpa que dá quando os curiosos o interrogão. A quaresma serve-lhe de evasiva, e illudindo os espias do capitão-mór e dos seus satelites conspira fortemente, como se conspirar não fosse crime. Já nem recorda-se de Gurupá! O tempo que levou no Mearim o fez esquecer os soffrimentos passados. Elle não deve tardar com seu irmão Thomaz, acompanhado de Eugenio Ribeiro, Manoel Serrão e . . . . (vendo entrar Teixeira de Moraes.) A este não esperava.

SCENA 5.<sup>a</sup>

DITOS e TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

Já vejo que adiantei-me muito. Julgei chegar tarde e achei-me um dos primeiros. O Reverendo Padre Deiró, que certamente tem de figurar na historia desta rebelião, não dorme á bem da causa commum. Sim, a causa é commum, e raro é o habitante desta capitania que não esteja disposto a pegar em armas contra o despotismo dos governadores, mal o chefe dê o grito de guerra. Sá e Menezes saberá em Belem a nova da sua quêda, e que o povo o apeara do poder de governador do Maranhão, para eleger outro governo que guie melhor os seus destinos. Despertará tarde para fazer as cousas tornarem ao seu antigo estado. Uma vêz que o carro se precipita pela ingreme ladeira, vae abaixo, embora chegue em pedaços, e ai d'aquelle que tentar o fazer parar no meio da sua quêda! A revolução deu o primeiro passo, não pode nem deve retroceder, e se alguém tentar obstar a sua marcha progressiva, a morte seja seu castigo.

DEIRÓ.

O Sr. Teixeira de Moraes anda nestes negocios de bôa fê, eu o quêro crer, e a prova que tenho é ter recebido a senha para entrar neste Convento, e achar-se entre

nós. Muitos murmurão baixinho contra vós, Sr. Teixeira de Moraes, e alcunhão-vos de christão novo, o que é malquerença á um partidario tão exaltado como sois. É verdade que a entrada que tendes em Palacio, o estardes quasi sempre com o capitão-mór, as amiudadas visitas que fazeis aos jesuitas, causão motivo para desconfiar-se de que quereis estar bem com Deos e com o diabo. Desejais ter credito no céu e no inferno. Já é muito vantajoso para quem ignora como vós o lugar que sua alma tem de tomar.

TEIXEIRA.

Entre os que mais desconfião de mim, observo que estaes vós, Padre Deiró. Este modo de reflectonar, e o fallar desta forma me farião duvidar dos meus precedentes, e não acreditaria em minha consciencia, se não soubesse que o zelo vos faz desconfiado e injusto. Não foi a curiosidade que me trouxe a este lugar. Bequimão esta manhã avizou-me para esta noite comparecer aqui, e deu-me a senha para entrar, sem suspeitar que da minha parte houvesse traição. No entretanto o Padre Deiró tem suspeitas mal fundadas que me obrigão a deixar este convento e de não concorrer com o meu pequeno contingente para uma causa que voluntariamente sirvo.

ELIAS.

O Sr. Teixeira de Moraes mostra-se empenhado por tal forma que me atrevo a intervir para que o Padre Deiró mude algum juizo máo que delle faça. O seu

procedimento desmentirá o máo juizo que fazem de sua pessôa.

DEIRÓ.

Recebo o Snr. Teixeira como amigo, e oxalá não tenha de arrepende-me deste acto. Esqueçamos de todo o passado para só nos lembrarmos do futuro.

IGNACIO.

A nossa causa é santa. Não bastará um homem só para a destruir. Se alguem trahir-nos, terá em premio morte inevitavel.

TEIXEIRA á parte.

Acreditão em fim. (alto.) O proprio capitão-mór já mais obstará a consummação da obra começada, quanto mais eu que de nada disponho. É tarde, muito tarde, para remediar o mal que fazem ao povo. O povo tem o remedio em suas mãos, disse o Padre Deiró; elle cura de si mesmo.

DEIRÓ.

Bequimão tarda. Cathequisa soldados sem recordar-se que estamos á espera d'elle! O tempo é precioso, não o devemos perder de braços cruzados.

## BEQUIMÃO.

TEIXEIRA.

Será justo que, restabelecida a ordem depois da revolta, Bequimão receba o premio de seus trabalhos, e o povo o reconheça como seu salvador. Na verdade que, se o rei abafar a revolta, as cousas mudarão, e o reverso do quadro é medonho, porque o povo arrepende-se, desculpa-se e é perdoado, e os chefes são as victimas da causa que dirigirão, e, condemnados, nada os poderá salvar.

DEIRÓ.

Não tenhamos receios. Quando chegar ao reino a noticia desta revolta, chegará tambem a de termos nomeado novo governo, inteiramente submisso ao nosso Rei e Senhor, e a elle sujeito sempre. Não queremos a republica; queremos o rei e a liberdade, a lei e a justiça.

IGNACIO.

Quando o perigo é grande maior é a gloria em affronta-lo e vence-lo, em negocios desta ordem. As empresas arriscadas ou elevão o homem á altura de seus feitos, ou os precipitão no mais medonho abismo. Se Bequimão, que tudo tem a perder e nada a ganhar nesta revolução, e como chefe arrisca sua cabeça, não teme as consequencias de um infausto resultado, não seremos nós que devamos recuar.

DEIRÓ.

Os jesuitas conspirão tambem. Tramão uma outra revolução, porem contra nós, contra nossos intentos. Coitados! É applicar remedio á defunto.

IGNACIO,

Sinto passos... grande tropel... são elles.

SCENA 6.<sup>a</sup>

S. PAYO, ELIAS, IGNACIO, TEIXEIRA, BEQUIMÃO, SERRAO  
DE CASTRO, EUGENIO e conspiradores.

BEQUIMÃO.

Salve Deos a vós todos, meos amigos.

DEIRÓ.

Bem vindo sejais, Bequimão. Já sabeis que os da ordem de Jesus...

BEQUIMÃO.

Zombão de nós, como o capitão-mór que ri-se da nossa tentativa de liberdade. Mas elle naufraga, como máo piloto, no erro que o tem adormecido. Já não se

conspira, meus amigos, só ás occultas no claustro deste convento onde estamos; por toda parte formigão os agentes da revolução, aggregando soldados novos ás nossas grossas fileiras. Pelas praças, ruas e casas de negocio, não se trata mais do que da revolta que deve libertar a todos do jugo do estanco, e dos desmandos dos governadores do reino. Do plano á execução deve ser rapida a transição, como do relampago ao trovão.

## DEIRÓ.

Sois o nosso chefe, compete-vos presidir os trabalhos.

BEQUIMÃO toma a cadeira do centro da mesa, os mais sentão-se dos lados.

Em nome de Deos e da humanidade sejamos todos resolutos e firmes. Eugenio Ribeiro Maranhão, Jorge de S. Payo, Manoel Serrão de Castro, Teixeira de Moraes, e vós que me ouvis, por parte do povo a quem representamos nesta solemne reunião, assim como vós Padre Francisco Dias Deiró, Fr. Elias de Santa Thereza e Fr. Ignacio da Fonseca, que representaes o clero; em nome do clero e do povo, eu vos convido a prestar solemne juramento de fidelidade á causa que defendemos, e por ella tudo sacrificar, até a propria vida. Ainda é tempo. Aquelle que estiver arrependido, pode deixar o convento. (uns olhão para os outros.) Ninguem?

TODOS.

Ao juramento ! Ao juramento !

BEQUIMÃO de pé, todos de pé.

Pelo Todo Poderoso, que do alto do céu nos vê e contempla, eu juro morrer pela liberdade do povo, pela expulsão dos jesuitas e abolição do estanco. (presta o juramento no Evangelho que está sobre a mesa.)

DEIRÓ jurando.

Assim o juro.

TODOS jurando.

Assim o juro (sentão-se.)

BEQUIMÃO.

A conspiração é um crime, maior crime ainda é trahir os conspiradores, e aquelle que faltar ao seu juramento, em qualquer parte que seja encontrado ha-de morrer.

TODOS.

Morrão os traidores ! Morrão !

BEQUIMÃO.

Restabelecido o novo governo eleito pelo povo, por que elle é que deve escolher quem o tem de reger e guiar, será o primeiro dever do governo eleito galardoar os que mais distinguirem-se, assim como punir os que malevolamente contrariarem a causa da liberdade.

DEIRÓ.

Bequimão, sinto a falta de vosso irmão Thomaz.

BEQUIMÃO.

Thomaz reúne a pobreza, longo tempo expoliada do que é seu; a esses que mais soffrem com este estado de cousas, pinta com cores verdadeiras a crise que os ameaça, e o mal que lhes deve sobrevir com os governadores despoticos e protectores do estanco. Elle ha-de vir prestar-nos contas de sua missão, e do que colher do assentista Pascoal Jansen, que está de volta do Pará, onde fora com intenções de roubar, servindo-se do estanco.

EUGENIO.

Supponho, Bequimão, que esta reunião secreta é para tratarmos do que havemos fazer para conseguir a liberdade, e Thomaz quando vier contará o que souber de novo desse miseravel assistente.

DEIRÓ.

Sendo acto consecutivo á revolução, a expulsão dos jesuitas, proponho que a não que está fundeada, á partir para o reino, leve essa ordem de parasitas, que em nome de Deos lisongeão os vicios que lhes são proveitosos.

ELIAS.

Sim, fóra os jesuitas. A não que os leve para o reino.

TODOS.

Fóra os jesuitas ! Fóra !

BEQUIMÃO.

Teixeira de Moraes, em vós deposito tal confiança que vos escolho para secretario da conspiração. Sentai-vos a meu lado, e escrevei o que decidirem os conspiradores. (Teixeira senta-se ao lado de Bequimão.) E vós, Eugenio Maranhão, o que propondes ?

EUGENIO.

Uma unica cousa.

BEQUIMÃO.

Fallai.

EUGENIO.

Ganha a victoria, a expulsão dos Jesuitas, a queda dos governadores, e abolição do estanco são factos consummados. Nomeado o governo popular, este decretará a vontade do povo no interesse de todos. Tratemos agora dos meios do combate, e se este for renhido, frenetica seja a peleja, da qual deve surgir a liberdade que tanto almejamos. Tratemos do presente, meus amigos, que o futuro a Deos pertence.

BEQUIMÃO.

E vós, Manoel Serrão de Castro, tendes o que propor?

CASTRO.

Não tenho reflexões a fazer. Tudo quanto quizerdes, Bequimão, desde já apoio.

BEQUIMÃO.

Depositaes em mim inteira confiança. É mais uma prova de amisade que vos fico devendo. Agora vós, Sr. Teixeira de Moraes.

TEIXEIRA deixando de escrever.

Que seja preso o capitão-mór, substituidas as tropas pela milicia civica; posto em deposito o dinheiro do estanco; os jesuitas pela barra fóra, e pouco nos res-

tará a fazer. Os bens de Pascoal Jansen devem ser distribuidos pelo povo, pois do povo elle os tirou. A condescendencia é má nestes casos. Não é o homem quem governa; nestas cousas o povo é soberano, como sabe obedecer, sabe ordenar, não sabendo opprimir.

## BEQUIMÃO.

Folgo de ouvir-vos, Sr. Teixeira de Moraes. O que dissestes deve ser adoptado, mas a prudencia é boa conselheira, a ella devemos consultar sempre. Meditaremos agora no que devemos empregar para derrotarmos os adversarios. Amanhã a Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos tem de ser trasladada da Igreja do Carmo para a da Misericordia. Não percamos a occasião de termos o povo reunido e prompto á prestar-se para a acção. Avisemos a todos, e no decurso da procissão consiga-se convencer os duvidosos e mesmo os partidarios do governo, e assim augmentaremos a nossa cohorte revolucionaria. Reunidas as massas, alterados os espiritos, e o enthusiasmo apoderando-se dos bravos defensores da causa que advogamos, contemos com a victoria ganha. Fr. Ignacio hoje do pulpito ousou dizer que com quatro soldados deitaria por terra o estanco, os jesuitas e o governo de Balthasar. Foi grande temeridade; ella podia nos ser fatal, porem o povo o ouviu com prazer bem visivel. Nós que contamos com um bom exercito, certamente seremos abençoados por Deos, e não menos corajosos e destimidos que Fr. Ignacio. Reunidos todos á porta da Misericordia, lá daremos a voz de combate e tomaremos de as-

salto as guardas, o quartel e o proprio palacio em que habita o capitão-mór.

TODOS com enthusiasmo.

Viva Bequimão ! Viva Bequimão !

BEQUIMÃO.

Silencio ! meus amigos. Esquecestes que conspiraes? Ou quereis por este modo dar publicidade á conspiração? Guardai o vosso enthusiasmo para amanhã á noite, quando a liberdade vos ordenar que empunheis as espadas. Queremos obras e não palavras; queremos realidade e não vans illusões de uma victoria ainda duvidosa e envolta nos arcanos do futuro. Se a derrota nos couber em partilha, vereis como resignado e contente supportarei a desgraça que nos sobrevier. Imitai-me. Tomai este exemplo, que sereis uma victima para os rigores dos despotas, mas um martir aos olhos de Deos.

DEIRÓ.

É essa linguagem, clara e franca, que carecterisa a tua nobreza, Bequimão. Fallas sem rebuço, e o povo que te comprehende, não pode deixar de chamar seu protector, ao valeroso, ao grande Bequimão.

TEIXEIRA observando para o lado em que entrarão os conspiradores.

Alguem chega. Deve ser Thomaz. Que novas nos trará?

SCENA 7.<sup>a</sup>

DITOS e THOMAZ.

BEQUIMÃO.

Sentai-vos, meu irmão, e dai-nos conta da vossa missão.

THOMAZ sentando-se.

O povo está resolutos. Amanhã se quizerdes...

BEQUIMÃO.

Amanhã! Seja amanhã, que a aurora desponte pela ultima vez sobre nós ainda escravos. Amanhã é o dia marcado para a sublevação. Estejamos todos promptos. Todos devem combater.

THOMAZ.

Se se chegar a mecha á mina, ella vai pelos ares. O povo está animado para o combate... elle detesta o estanco que o rouba....

BEQUIMÃO.

E de Pascoal Jansen o que soubestes?

THOMAZ.

Jansen encontrou no Senado da Camara de Belem, formal opposição para a execução do estanco. O representante de Belem no Reino communicara a Camara que a lei do estanco seria posta em vigor, se o povo não a repellisse. Pascoal, nada podendo fazer, voltou ao Maranhão. Elle treme ver-se despojado do que roubara. O povo o odeia e o assentista, teme ser estrangulado pelo povo.

BEQUIMÃO.

Já tudo não se lhe apresenta risonho. Novo prisma o faz enxergar o horisonte carregado de nuvens negras, prenes de tempestades que se aproximão e devem reben-tar sobre sua cabeça. Miseravel ! que o suor dos pobres tem convertido em ouro, e esse ouro, tão vilmente amontado, causa-lhe sustos ! Perverso ! a quem as lagrimas dos afflictos não commovem, julgará abrandar com a voz supplicante a esse povo que lhe vai tomar contas do passado. Pascoal Jansen é um reptil que merece ser esmagado pelos pés da populaça. Oh ! foi pouco atilado, regressando ao Maranhão nesta crise, que se apresenta tão arriscada para elle.

DEIRÓ.

Será uma das vinganças do povo o ajuste de contas com Jansen.

BEQUIMÃO.

61

EUGENIO.

O saque dos seus bens é cousa que deve ser concedida.

THOMAZ.

Isso prometti ao povo, e elle, desejoso do ouro de Pascoal Jansen, entrega-se á revolução de corpo e alma.

BEQUIMÃO.

O povo nada deve receiar. Combatemos o estanco, e o rei será por nós. Essa lei não devia ser posta em execução contra a vontade do povo. Belem não aceitou o jugo, e o Maranhão o sacode aos pés dos despotas que enriquecem roubando o povo. Amigos, seja a nossa divisa—vencer ou morrer! (ergue-se.)

TODOS erguendo-se.

Vencer ou morrer!

BEQUIMÃO.

O plano do combate será dado amanhã á porta da Misericordia. O povo armado acompanhará a trasladação do Senhor dos Passos para essa Igreja, e lá arreben-tará a revolta que nos deve trazer a liberdade.

BEQUIMÃO.

TODOS.

Viva a liberdade! Viva! Viva!

BEQUIMÃO.

Até amanhã.

TODOS.

Até amanhã. (saem todos em seguida á Bequimão.)

## SCENA 8.<sup>a</sup>

TEIXEIRA e IODOCO.

IODOCO mostrando a turma dos conspiradores que saem.

Hoje conduzem Bequimão ao combate, amanhã o levarão a victoria... e depois....

TEIXEIRA.

E depois?...

IODOCO.

Será entregue ao carrasco.

FIN DO SEGUNDO ACTO.

---

## ACTO III.

LARGO da igreja da Misericórdia, mostrando o templo no fundo e completamente illuminado por dentro. A' direita e esquerda ruas. Ao levantar do panno ainda veem-se restos de uma procissão recolhendo-se; muito povo á porta e os sinos dobrão de quaresma. É noite.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

S. **PAYO** e **CASTRO** conversando a um lado. Pelas esquinas grupos de homens conversão animados. Povo á porta da igreja.

S. **PAYO**.

Senhor Castro, este passo é arriscado porem decisivo. Os cordeiros tornão-se lobos, para devorarem os lobos que se mostrão cordeiros. Libertado este torrão abençoado, dou a minha tarefa por concluida, e arreiio bandeira no serviço de cidadão, dando baixa de soldado do povo. Já sou velho, mas não julgue o Sr. Serrão de Castro, que por isso a minha vida deve sêr barateada, e que deva vende-la por menos que a de nm moço. Nada, meu caro, pois se caminho, para a cova, não se segue que devo inutilmente sacrificar esta existencia, que me é com difficuldade conservada, sem que a perca sem trazer beneficio algum ao paiz. Se o caso urge, corra meu sangue, apague-se a luz dos meus olhos, porem, cortar o fio da vida sem necessidade, não, mil vezes não! A existencia só Deos pode dar, Deos, pois

é quem a deve tirar. Pelo Senhor dos Passos, que acabamos de conduzir á Igreja da Misericordia que ali vemos, hei-de defender estes poucos annos que me restão como o avarento o seu thesouro.

CASTRO.

O Sr. S. Payo está muito compromettido nesta revolta para tentar, com frivolos pretextos, uma deserção.

S. PAYO.

Senhor ! Ousaes suspeitar de mim ? Eu desertar ! Duvidaes do meu patriotismo ? Do amor com que trabalho pela nossa causa ?

CASTRO.

Não, não é este o momento proprio para avaliardes a vossa vida, e lhe dardes o merecimento que lhe quereis dar. Tratemos do bem publico, e o que tiver de acontecer esperemos resignados. Tudo está preparado para o combate. O povo espera pelo grito de guerra, e á voz de fogo seremos livres, ou restaráõ dos defensores da liberdade frios e inanimados cadaveres.

S. PAYO.

É negocio summario; uns descem, outros sobem. Eu bem o sei.

CASTRO.

Viva a conspiração! Morra o despotismo para triumphar a liberdade!

S. PAYO.

Pensais como um antigo soldado de Roma, que não lembrava-se do passado, ignorava o futuro, e só curava do presente, pois só o presente lhe pertencia. Sois um bravo. Os homens da vossa tempera são raros.

CASTRO vendo Eugenio com o povo na esquina.

Ahi vem Eugenio Maranhão. Elle cathequiza ainda.

## SCENA 2.<sup>a</sup>

DITOS e EUGENIO.

S. PAYO.

Falla ás massas. . . . É um dos nossos incansaveis lidadores.

EUGENIO fallando ao povo.

É infallivel o bom resultado. Cahido do pedestal o fal-

so idolo, novo governo o substituirá, composto de pessoas amantes do povo. Abaixo o despotismo, e surja a liberdade!

CASTRO dirigindo-se a Eugenio e aos que com elle estão.

Eu posso assegurar que a aurora que raiar amanhã illuminará as ruinas do despotismo.

S. PAYO.

A nossa victoria é certa.

EUGENIO.

Ouvi, meus amigos. O Sr. S. Payo, velho, afeito ás lides da liberdade, que tem encanecido no trabalho, constante na causa do bem do povo, uma das cabeças mais compromettidas, é quem vos falla. Alem do Sr. S. Payo, o Padre Deiró e seus irmãos padres, não canção de trabalharem para termos um triumpho completo. Coragem e perseverança, que o resto é nosso.

CASTRO.

Com effeito! admira-me vêr duvidas e reflexões neste momento, em que o céu nos offerece a liberdade. Ella vem de Deos, aceitemol-a de todo o coração.

EUGENIO.

Meus amigos façamos com os despotas o mesmo

que o padre Bettenford fez ao vêr ir morrer um indio Taramambese, joven imberbe e ingenuo, que era accusado, como os seus companheiros, pelo horrendo crime de antropophagia, e pertinaz inimigo dos christãos, pois que, para aniquilar seus adversarios, esses selvagens erão capazes de mergulhar horas inteiras, se dependesse d'isso a destruição dos navios que conduzião christãos, devorando depois os que lhes cahião nas mãos. O padre Bettenford, á vista do joven, intercedera a seu favor, e conseguiu que elle....

TODOS os que cercão a Eugenio.

Não morresse?

EUGENIO.

Enforcado como os seus companheiros aprisionados, mas sim á boca de um canhão! O povo vai representar de padre Bettenford, e os despotas de indios Taramambeses, com tanto que acabem de uma vez como esses infelizes flagellados por Victal Maciel Parente.

CASTRO.

Seja assim. Ahi vem o padre Deiró e os nossos amigos Fr. Elias e Fr. Ignacio.

SCENA 3.<sup>a</sup>

DITOS, DEIRÓ, ELIAS e IGNACIO.

DEIRÓ passando pelo povo que está amontoado à porta da igreja, donde elle sahe.

Meus amigos, virão Bequimão?

S. PAYO.

Fabrica cartuchos em minha casa por ser arredada da cidade, e assim mais livremente, sem causar suspeitas, faz os preparativos de guerra, porem não deve tardar.

DEIRÓ.

Sua familia n'aquelle templo ora a Deos por elle, parece-me que nada suspeita. Neste caso é sempre bom as mulheres ignorarem destas cousas. Ellas armão-se sempre com suas lagrimas, que vencem os mais decididos, porque só as lagrimas não enternecem nem abrandão aos tyrannos e despotas, que vivem a fazer correr o pranto dos opprimidos.

VOZES fóra e longe.

Viva Bequimão! Viva! Viva!

CASTRO.

Elle chega. O povo não o deixa.

DEIRÓ.

O povo o sauda! Deos o proteja.

SCENA 4.<sup>a</sup>

DITOS, BEQUIMÃO, e povo.

BEQUIMÃO.

O povo da porta da igreja reune-se ao que acompanha  
a Bequimão.

Encontro-vos reunidos, meus amigos; faltava eu, aqui me tendes. Tudo está determinado para o bom exito da causa popular. Teixeira de Moraes reune gente para engrossar as nossas cohortes; Thomaz, disfarçado, cerca com os seus voluntarios o palacio do governador, onde está o capitão-mór e Lazaro de Mello, proximo destes sitios vela sobre os aldeões, os arma convenientemente para o combate e vigia os movimentos dos frades jesuitas. Meus amigos, mãos a obra; a victoria nos trará a felicidade e a gloria, assim como a derrota nos dará a miseria e a morte. A luta não será longa nem renhida; pouco sangue deve correr e mortos não devemos contar, porque o capitão-mor, sabendo que determinamos dar ba-

talha hoje, conta com a tropa para abafar a revolução, porem esta falta-lhe, e está do nosso lado. Pascoal Jansen sente os horrores da situação, occulto no collegio dos jesuitas, e é lá que o povo, depois de triumphante, deve tomar contas ao assentista que o roubou calculadamente. É lá que deveis ir á testa do povo, Sr. Serrão de Castro, e depois de atacal-o restituireis o seu ao seu dono. E vós, Eugenio Maranhão, com o vosso corpo de bravos atacareis o quartel e vos apossareis do Trem, que nos deve ser necessario e que não vos apresentará resistencia armada. Jorge de S. Payo, a vossa idade é arriscada para escalar brechas e assaltar reductos; segui-me, que os vossos conselhos me serão necessarios. Padre Deiró, Fr. Ignacio e Fr. Elias a vossa missão é da maior importancia. Correi por essas ruas, por toda a parte, e invocando o amor de Deos, chamai ao combate a todos os cidadãos, que medrosos fogem dos louros que devemos colher.

FR. ELIAS.

Deos nos hade proteger.

DEIRÓ,

Ainda bem que estamos resolutos. Não percamos tempo... Fr. Ignacio avante.....

CASTRO desembainhando a espada.

Avante e á postos, e ai d'aquelle que se opposer á nossa gloria!

BEQUIMÃO empunha a espada; o povo mostra-se armado tambem.

À gloria! À gloria!

TODOS erguendo as armas.

À gloria! À gloria!

BEQUIMÃO com fleugma.

Meus amigos, não façais inultimente correr o sangue dos nossos irmãos. Prudencia e coragem, que a causa é santa, e Deos a conduz a seu termo, protegendo-a lá do céu. (para Deiró o levando á parte.) Viste minha mulher e minha filha.

DEIRÓ.

Estão ali na igreja, orando ao Senhor dos Passos por ti, por mim, por todos nós.

BEQUIMÃO.

Deos ouça as suas orações.

DEIRÓ alto, para todos.

O dia 2 de fevereiro será assignalado nos annaes da historia do Maranhão, como um desses grandes dias que as nações contão poucas vezes. Bequimão, os vindouros repetirão teu nome com admiração e respeito, e

se algum inimigo de teus feitos gloriosos marear na epocha presente com maldade os beneficios que prestas e os teus serviços, o anathema publico caia sobre elle, e como o condemnado da escriptura, ande errante toda a sua vida.

BEQUIMÃO.

Ao combate! Partamos! Partamos!

TODOS.

Partamos! Partamos!

BEQUIMÃO.

À seus postos e cada um lembre-se que deve—vencer ou morrer.

TODOS sahindo por diversos lados.

Vencer ou morrer! Vencer ou morrer!

## SCENA 5.<sup>a</sup>

CATHARINA e MARIA sahindo da igreja.

CATHARINA.

Estes gritos! Elles se prolongão.

MARIA.

A praça está solitaria! Não vejo pessoa alguma.

VOZES a direita.

Vencer ou morrer! Vencer ou morrer!

CATHARINA.

Grande Deos! É a revolução que arrebenta! E estamos sós!

MARIA.

O que será de nós? Esta igreja nos protegerá.

VOZES do lado esquerdo.

Viva Bequimão! Viva Bequimão!

CATHARINA.

Valha-me Nossa Senhora! É o nome d'elle que ouço na bocca do povo. (Iodoco apparece á porta da igreja.) O que será isto?

SCENA 6.<sup>a</sup>

DITAS e IODOCO,

IODOCO.

É vosso marido, senhora, que anarchisa a capitania, e sella com o sangue de seus irmãos a revolução, que Deos e o Rei condemnão.

CATHARINA.

Padre mestre Iodoco! Ah! sois um anjo que nos appareceis.

IODOCO.

Ou antes uma victima agonisante, que antes de morrer vem accusar seus algozes. Um cadaver que abandona seu tumulo para amaldiçoar seus assassinos.

MARIA.

Ah! meu padre, vós sois bom. Haveis de proteger-nos. A caridade da vossa ordem todos conhecem....

IODOCO.

E o povo assim mesmo quer condemnar-nos ao ani-

quilamento eterno, expulsando-nos d'entre si. Tudo está perdido para os da ordem de Jesus, senhora. O padre Deiró combate e deve vencer, nós succumbimos a seus golpes. Bequimão, vencido pela sua fallaz eloquencia, os conduz a gloria de um triumpho ephemero e perigoso! (Ouvem-se tiros de mosquetaria e toques de tambor ao longe.) Oh! elles atacão o quartel. Nescios! que augmentão o seu delicto com maiores crimes.

CATHARINA supplicante.

Padre! Padre! Vós salvareis meu esposo, não é assim? A ordem de Jesus não sabe vingar-se, não é verdade? Ella aprendeu nas leis de Deos a perdoar os que, arrependidos, implorão a sua misericordia. Salvareis a Bequimão.

IODOCO.

E quem me salvará a mim? Quem salvará a meus irmãos? Quando me vêdes decahido, por terra, sem alento, sem força, envolto em pó é que me pedis socorro e protecção para vosso esposo! E quem defenderá os direitos da ordem de Jesus? (Ouve-se voseria do lado opposto ao em que derão-se tiros.) Estes gritos deste lado!... Oh! E' sem duvida o collegio dos irmãos de Jesus que está sendo atacado. Senhora, nada mais me resta que a vingança... sim! Já não é o religioso que falla; o devoto, o frade, que vos diz vingança... é a religião offendida que brada por sua vez—vingança!

MARIA.

Nós salvaremos a vós, a vossos irmãos, a vossa ordem.

IODOCO.

Vós! Fraca, debil mulher, julgaes que esses selvagens vos hão de attender? Que vossas supplicas valerão alguma cousa? Debalde lhe implorareis piedade, não conseguireis ao menos a tranquillidade para os irmãos de Jesus. Mas elles se hão de arrepender, porque a nossa vingança será certa, embora tardia. Senhoras, orai por esses que se levão por seus proprios pés ao abismo. Adeos.

CATHARINA *supplicante.*

Padre, piedade! piedade!

IODOCO.

Oh! ide ao altar supplicar a Deos o que não deveis pedir a mim. Mas Deos será surdo, não vos hade attender.

MARIA *com dignidade.*

Vamos, minha mai, vamos orar por meu pai. O padre prior de Jesus não sabe como Deos—ser misericordioso e grande.

CATHARINA.

Deos nos hade ouvir. (entrão na igreja.)

SCENA 7.<sup>a</sup>

IODOCO e TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

Felizmente vos encontro. Já vos julgava cahido em poder do povo.

IODOCO.

Teixeira de Moraes, o que pretendeis?

TEIXEIRA.

Occultai-vos n'aquelle templo. Vosso collegio o povo tomou de assalto e está em poder dos rebeldes... O palacio do governador foi tomado sem combate e preso o capitão-mór Balthasar Fernandes, apesar de seus gritos e protestos. O quartel entregou-se aos revolucionarios. Elles apoderão-se do estanco e tomão conta da capitania. Já não é só o povo, a tropa reu-nio-se a elle!

IODOCO.

Maldição! O inferno conspira por estes demonios! Já sinto os effeitos desta victoria adquirida pelos soldados de Bequimão. Oh! Deos! Ou vós. . . .

TEIXEIRA.

Não blasphemeis, padre, ainda tudo não está perdido.

IODOCO.

O que resta-nos? Que esperanças?

TEIXEIRA.

Prudencia e tino. O desgosto fará anarchisar os vencedores, avidos todos por governarem; então plantaremos o pomo da discordia com bons modos para que não suspeitem que somos os agricultores das novas sementes, das quaes nos virão optimos fructos.

IODOCO. *Ouvem-se vivas longe.*

Oh! Já dão vivas! (*puchando um punhal.*) Eu os vararia um por um!

TEIXEIRA.

Guardai essa arma, ella vos é inutil. E' mais perigosa a humildade que os de vossa ordem representão no perigo do que esse punhal em vossa mão. Adeos.

Contae commigo e tende prudencia. Occultai-vos, podeis ser encontrado. Aceitae o meo conselho, já que o capitão mór despresou o aviso que lhe fizestes da conspiração de hontem e da revolta de hoje.

IODOCO.

Vingança! (entra para a igreja.)

TEIXEIRA fallando a Iodoco que vai sahindo.

Sirvo para ser servido. Hoje trabalho para elles, amanhã. . . .

## SCENA 8.<sup>a</sup>

TEIXEIRA e LAZARO.

LAZARO.

Vencerão os revoltosos. Bequimão está senhor da capitania.

TEIXEIRA.

Dizei Lazaro de Mello, vencemos, estamos senhores da capitania. Já não pertencemos ao governador Sá e Menezes, nem ao capitão mór Balthazar Fernandes, e sim a Bequimão e seus amigos, ao povo.

LAZARO.

Oh ! nós os atraçoavamos !

TEIXEIRA.

Fallas em traição ? Diz-me : não é uma traição de Bequimão sublevar o povo, prender o capitão-mór, e sabe Deos o que irão fazer d'elle ? Não é uma traição enganar esse povo credulo com palavras de esperança, de felicidade, quando só lhe podem offerecer desgraças e trabalhos ?

LAZARO.

Se Bequimão soubesse quanto tenho feito contra elle, quanto temos trabalhado para perdê-lo . . .

TEIXEIRA.

Lançaria sua maldição sobre nós. Mas elle ignora tudo. Gritemos : viva a liberdade ! Quem mais gritar passará pelo que mais serviços ha prestado á causa popular. *(ouvem-se vivas ao longe.)* Ouves ? Aquelles esperão grandes quinhões na partilha dos bens do estanco.

VOZES fóra.

Viva ! Viva ! Viva !

TEIXEIRA.

Dão vivas, mas ignoro a quem. Teria sido rechaçado o partido do povo?

LAZARO.

Bequimão venceu; nada lhe resta a conquistar.

TEIXEIRA.

E nós com elle vencemos tambem. Alli, n'aquella igreja, Maria implora a Deos pela victoria do pai, ide ter com ella, talvez pense em vós...

LAZARO.

Maria! Oh! despresa-me, odeia-me! Se ella soubesse que sou um cobarde, que fujo do combate, que abandono e traio a seu pai, com razão, se envergonharia de olhar para o insolente que pretende sua mão. Oh! Teixeira de Moraes, desgraçastes-me. Fostes o máo anjo que me perdeo.

TEIXEIRA.

Que loucura! Maria não vos odeia, o odio femenino é o começo do amor eterno. Bequimão vencedor, serás um pupillo feliz, como outr'ora, e Maria pode vir a ser vossa esposa. Deixai-me, eu vos faço desgraçado... sou o vosso máo anjo... oh! já contaes com o imperio de vosso protector e quereis abandonar-me temendo

que careça de vós para o futuro. Lazaro de Mello, está tudo acabado entre nós, porem Maria. . . essa nunca será vossa.

LAZARO.

Que dizeis? Quem frustrará, se Bequimão. . . . se ella quizer?

TEIXEIRA.

Eu. Lembrai-vos que tenho documentos que podem fazer a filha do governador Bequimão não desposar o ladrão que roubara a seu pai.

LAZARO.

Oh! Teixeira de Moraes, não me abandoneis.

TEIXEIRA.

Não me quereis deixar?

LAZARO.

Minha vida pertence-vos, como minha alma a sata-naz.

TEIXEIRA.

Ainda bem; conto comvosco. Lusbel perseguira Antonio de Padua, e debalde tentou contra o frade santo,

mas eu facilmente perdi vossa alma ; logo : sou mais forte que o anjo decahido do céo, ou vós mais fraco que Antonio de Padua.

LAZARO.

Teixeira de Moraes, nunca careci tanto de vós como agora.

TEIXEIRA.

Invocai o demonio ; elle virá ao vosso reclamo.

LAZARO.

Maria deve ser minha.

TEIXEIRA.

O crime vos conservará em meu poder e Maria será vossa. Fugamos das suspeitas do padre Deiró. Esperote depois da victoria em minha casa.

LAZARO.

La irei. Adeos. (Sahe Teixeira. Ouvem-se gritos e tiros por todos os lados.)

SCENA 9.<sup>a</sup>

LAZARO, CATHARINA e MARIA.

MARIA vindo com Catharina da igreja.

Grande Deos! Iodoco Peres occultou-se na Igreja,  
Deos o defenda.

CATHARINA.

Estes tiros! Estes gritos! E estamos sós!

LAZARO mostrando-se.

Eu velo por vós, senhora.

CATHARINA.

Lazaro aqui! Temos um defensor por Deos enviado.

LAZARO.

Defenderei se vos atacarem. Morrer por vós é o meu  
dever.

MARIA.

Viste meu pai? Onde está elle? Havias combater a  
seu lado, onde o deixaste?

LAZARO.

Bequimão peleja pelo povo . . . por quem sacrificase sempre . . .

CATHARINA.

Mas elle não está ferido , não o prenderão ? Falla, Lazaro , meu filho , onde está teu padrinho , o que é feito de Bequimão ?

LAZARO.

Elle vive. Enviei os aldeões armados para a revolta, e corri a ver-vos, porque soube que estaveis nesta igreja, e convencido da Misericordia Divina, nesse templo julguei-vos acobertadas de todo perigo, porem receioso de que fóra d'elle fosseis victima do desenfreamento do povo . . . não perdi tempo e aqui estou para morrer por vós, por Maria tambem, se for preciso.

CATHARINA.

Lazaro essa vigilancia . . . esse afan . . .

LAZARO.

È um dever.

CATHARINA.

Que tiros forão esses que me arrebatou da Igreja ?  
Que me intimidarão tanto ?

## BEQUIMÃO.

LAZARO.

É mais um desmentido ás prophecias de Ursula Albanez. Bequimão é vencedor. Desta vez ainda a prophetisa errou.

CATHARINA.

Fallais em Ursula Albanez ! Meu Deos !

MARIA a parte para Catharina.

Este homem é um miseravel.

CATHARINA a Lazaro.

Teu padrinho ignora o amor que occupa o teu coração. Oh ! elle fará justiça.

LAZARO.

E julgaes que accete a felicidade contra a vontade . . .

VOZES longe.

Viva Bequimão ! Viva Bequimão !

MARIA.

Oh! minha mãe, dão vivas a meu pai. Elle vive!

CATHARINA.

Dão vivas ao vencedor. Vamos recebê-lo.

VOZES proximo.

Viva Bequimão! Viva Bequimão!

TODOS.

Viva! Viva! Viva!

## SCENA 10.<sup>a</sup>

**CATHARINA, MARIA, LAZARO, BEQUIMÃO, DEIRÓ, ELIAS, IGNACIO,  
S. PAYO, THOMAZ** e povo, da direita. **CASTRO, TEIXEIRA,  
EUGENIO** e povo, da esquerda.

DEIRÓ.

Viva Bequimão!

TODOS.

Viva Bequimão! Viva! Viva!

## BEQUIMÃO.

BEQUIMÃO carregado em andor, e de pé.

Viva a liberdade!

TODOS.

Viva a liberdade ! Viva a liberdade !

O povo tras archotes, parte com instrumentos a tocarem, e forma um grupo deixando ficar Bequimão no centro. Cahe o panno.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

---

## ACTO IV.

O THEATRO representa uma praça vendo-se o mar no fundo, mostrando em distancia um navio fundeado. A' direita da praça o collegio da ordem de Jesus; tropa civica de um e outro lado guarnece a praça. É dia.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

**DEIRÓ** e **CASTRO** conversando na baixa scena; **S. PAYO** e **EUGENIO** na alta scena com o povo formão grupos.

**CASTRO** para Deiró.

Partem enfim os Jesuitas. Devem embarcar agora.

**DEIRÓ** para Castro.

São expulsos do Maranhão. Nada mais natural; jogavamos uma partida; e alguém devia ganhar; quiz a sorte que elles a perdessem. Depois de partirem podemos livremente decretar, sem receiarmos a opposição occulta e perigosa que continuamente empregavão contra nós para conseguirem seus fins. Humildes na apparencia, tentarão provar ao povo a innocencia de suas acções, mas ninguem acredita n'elles, condemnarão-se a si mesmos.

CASTRO para Deiró.

Protegião o estanco e o despotismo, como obedientes á lei e ao Rei. Que santarrões !

DEIRÓ fallando a Castro.

Propagadores de principios de tal natureza erroneos e detestaveis, que se o povo os abraçasse, elles terião raizes vigorosas para dominarem a seu talante, e difficil seria agora deitar abaixo a arvore das suas maledicencias. Andão sempre contrariando os principios do evangelho; em sua falsa humildade e ostentão a soberba de sua ordem; mostrão-se resignados para obterem o que pretendem, e assim vão illudindo os homens na terra, e pensão illudir a Deos no céo.

CASTRO para Deiró.

Para elles o Domingo de Ramos deste anno deve ficar de eterna memoria. Cahidos, expulsos, certamente nos devem amaldiçoar como seus inimigos. (conversa com Deiró.)

EUGENIO com o grupo com que estava.

Nada temos a receiar. A revolução respeitou sempre o Rei. E demais, amigos, o estanco foi creado sem ordem terminante do Rei, contra a vontade do povo, e quando houvesse crime, quem é o cabeça da rebelião ?

CASTRO dirigindo-se a todos.

Ninguém, ninguém na extensão da palavra.

DEIRÓ fallando ao povo.

Não será facil descobrir o cabeça que libertou a capitania. Se virem nisso um crime não enxergarão o culpado. Será uma tarefa bem difficil para quem se encarregar de descobrir o chefe da revolta. A estrategia empregada para as formalidades do juramento, garante á todos a ignorancia completa de poder o Rei, ou seus agentes, reconhecer o chefe. Foi boa a idea desse circulo tendo no centro o juramento que prestamos e no exterior os nomes dos que levarão a effeito a liberdade da capitania. Não saberão qual assignou primeiro, nem o ultimo. Qual é o chefe nem o soldado; todos são iguaes, todos são livres !

S. PAYO.

Foi engenhoso o meio, na verdade, mas elle não livra-nos de um castigo rigoroso, se o Rei não attender a nossa representação.

EUGENIO.

São vãos esses receios. Temos meios para sustentarmos a nossa causa. A tropa acompanha a sorte dos habitantes da Capitania. Teixeira de Moraes....

DEIRÓ.

Regeitou o lugar de ouvidor; o abutre prevê melhor carniça, e naturalmente prepara-se para empolgal-a. Lazaro de Mello occupa o lugar de ouvidor, e, como pupillo de Bequimão, tenho mais confiança nelle do que no patriota Teixeira de Moraes. (*aparte a Castro.*) Porem ambos não me illudem.

EUGENIO.

Comtudo Teixeira é um dos rebeldes, e hoje, como o Sr. S. Payo, teme das consequencias da rebellião! Eu de nada me arreceio; o que está feito está feito, e não é Eugenio Maranhão que se arrepende do que faz, não. Os bens do estanco estão arrecadados para ser dividido pelo povo, e Pascoal Jansen fugio, não se sabe para onde. Com os capitaes adquirido pelo suor dos habitantes desta capitania, o governo eleito pelo povo sustentará a dignidade do Maranhão, embora custe-nos a vida.

CASTRO.

Caixões grandes cheios de ouro e outros metaes tirados ao estanco chegará para muito; alem disso, os nossos irmãos da Ordem de Jesus devem ainda possuir grandes riquezas. Naturalmente estão enterradas em lugar desconhecido para nós; teremos faro para dar com ellas.

DEIRÓ.

O navio de guerra que sahe para o reino leva a in-

triga e a hypocrisia do Maranhão a seu bordo. Partem vinte dous irmãos de Jesus, que retidos n'aquelle collegio, (mostra o collegio) incredulos! ainda esperão mudar a nossa resolução!

CASTRO.

Deos os leve. Não fazem falta.

S. PAYO.

São os nossos accusadores que remettemos a el-rei. É o nosso corpo de delicto que enviamos a nossos juizes.

DEIRÓ.

Estaes hoje por demais sinistro, Sr. Jorge de S. Payo, e agouraes um futuro que faria titubear a nossa coragem, se a energia que mostramos não viesse de Deos. Sabeis o que remettemos a el-rei, aos nossos juizes? A traição, o suborno, as mais baixas vilanias, em fim os padres da companhia, que só sabem empregar essas armas encobertas pela religião, que elles attacão no que ella tem de mais charo e sagrado. Elles estão conhecidos assim como os meios porque governão; el-rei não os acreditará. E demais, Sr. S. Payo, quem são os réos para temerem os juizes?

SCENA 2.<sup>a</sup>

DITOS e THOMAZ.

THOMAZ vestido como homem do povo.

Tudo está prompto. O commandante do navio de guerra espera seus hospedes, seus passageiros, para fazer-se á vela. E o que os detem? Porque não embarcão?

DEIRÓ.

Só se espera pelo Bequimão.

THOMAZ.

Bequimão demora-se, não sabeis porque? Recebera um embaixador, que do Pará o ex-governador Sá e Menezes, enviara para reaver a capitania, offerecendo a Bequimão.....

DEIRÓ.

Acabai!... Alguma nova picardia d'esse imbecil e inepto governador.

THOMAZ.

A proposta insolente d'esse ex-governador magoára a

Bequimão. Ella pedia uma vingança igual á injuria, mas o emissario não era Sá e Menezes, que de sociedade com Pascoal Jansen roubára ao povo; não devia ser o responsavel tambem da injuria feita por elle. Bequimão contentou-se com dar ao embaixador o tempo necessario para deixar a Capitania, sob pena de crime de alta traição, se ainda ficar entre nós.

## DEIRÓ.

Sá e Menezes, que cobardemente roubara ao povo! Vilão ruim, de quem Pascoal Jansen fizera um instrumento! Miseravel, que Portugal engeitara, e o Maranhão repelle! Dos donativos voluntarios para a criação de uma CASA FORTE no Itapecurú, sob o nome de SANTO CHRISTO DA SERRA DE SEMIDE, Sá e Menezes e o assentista Pascoal locupletarão-se vergonhosamente! Elle mal conhece a Bequimão. Venal, que julga os mais por si.

## S. PAYO.

Miseravel, que depois de quatro mezes de posse, como governador desta Capitania e da de Belem, passou a residir no Pará sem curar do povo maranhense, a quem saqueára! E ainda pretende, pelo ouro, que o corrompeu, adquirir o poder que por sua incapacidade perdeu. O estanco está morto, o despotismo cahido por terra, Sá e Menezes jámais será nosso governador.

## DEIRÓ.

Estamos certos do character nobre e distincto de Be-

quimão. A repulsa feita á injuria de Sá e Menezes era infallivel e de sua dignidade. O seu procedimento para com o emissario é louvavel. Hoje tudo mudará entre nós, apenas os jesuitas deixarem esta terra, que empestarão com suas hypocritas humilhações. Sá e Menezes não tentará jogar nova carta, tendo perdido de todo a partida.

THOMAZ.

Vamos avial-os. É tempo de embarcarem.

DEIRO.

Recommendemos a Deos os seus fingidos cordeiros.

(entrão para o Collegio.)

### SCENA 3.<sup>a</sup>

BEQUIMAO e povo.

BEQUIMÃO vindo com o povo.

Não acrediteis em suas palavras, meus amigos. O aroma de suas flores tem o veneno que embriaga e mata. A mentira pode illudir-vos, mas não será por longo tempo; a verdade apparecerá como a luz nas trevas dissipando a escuridão que tentára cegar-vos. Elles partem, e partem por vossa causa, por vós, meus ami-

gos, que bebieis a secuta em taça de ouro, que elles sabião vos offerecer, sem vos dizer: é a morte que vos dou. Elles vos escravisarão em nome de Deos.

POVO a um lado de Bequimão.

Perdão para elles ! Perdão para os jesuitas.

POVO do outro lado.

Fóra os Jesuitas ! Fóra ! Fóra !

BEQUIMÃO.

Supplicas e exprobrações ! Rogos e maldições ! É o povo o mesmo que pune e perdôa ! Esquecidos uns, invocação compaixão para aquelles que os estreitavão em um circulo de males ! E outros, ainda lembrados, sentidos das chagas que lhe fiserão, condemnão e não perdoão ! Meus amigos, os irmãos de Jesus devem, e vão partir. Vedes ? (mostra o navio embandeirado.) O vaso de guerra que ali se mostra embandeirado e de pannos soltos os levará para o reino. Quereis contemplações com os vossos inimigos ? Quereis piedade para os vossos algozes ? Tapuitapera nega-se a tomar parte na nossa victoria, e nos felicita pelo resultado que tivemos ! Sabeis quem urdio tal trama em Tapuitapera ? Foi frei Iodoco Peres, o chefe dos jesuitas !

POVO.

Fóra os jesuitas ! Fóra ! Fóra !

BEQUIMÃO.

A comarca de Belem chamou-nos de temerarios, e não compartilha dos nossos sentimentos nobres e gloriosos. Os escravos gemem debaixo dos pés dos seus senhores, sem ousarem soltar um queixume! E sabeis quem tramou para Belem nos guerrear?

POVO.

Fallai ! Fallai !

BEQUIMÃO.

Forão elles, ainda os jesuitas !

POVO.

Fóra ! Fóra !

BEQUIMÃO.

São elles a quem vêdes humildes , resignados , com risos de martyres, os autores de uma infamia que custaria a vida á todos elles, se acima de minha vingança não estivesse o bem publico, o bem do povo, a quem penhorei minha vida, meu sangue e a minha propria honra.

POVO.

Fóra os jesuitas ! Fóra ! Fóra.

## BEQUIMÃO.

Sabei, meus amigos, que Sá e Menezes por conselhos dos jesuitas do Pará, tentara peitar-me por 4:000 cruzados, com a condição de entregar a Capitania ás tropas suas subordinadas. Oh! eu teria tirado uma completa desforra desta affronta, se Sá e Menezes cahisse em meu poder.

## TODOS.

Viva Bequimão! Viva Bequimão!

## BEQUIMÃO.

Guardai os vossos vivas, meus amigos, para quando fizer-vos completamente feliz. A obra começada devo acabar, não vos entrego imperfeita, seria estragar esta situação que vos promete um futuro cheio de esperanças. Cidadãos, a nossa guarda civica carece de homens que, amantes da nossa causa, se dediquem ao serviço que já se torna pesado aos que estão encarregados desse trabalho. Não é com gritarias e folguedos que deveis levar a vida, julgando-vos felizes, não. O trabalho foi creado por Deos, como necessario para a vida, e a occiosidade é a mãe dos vicios, é a origem de crimes. Temos munição, temos ouro, temos tudo. Faltão-nos homens, porque esses gastão-se nos folguedos musicaes. Unidos, carreguemos todos com os louros e as vantagens, e tambem com os precalços de nosso triumpho.

SCENA 4.<sup>a</sup>

DITOS e TEIXEIRA.

TEIXEIRA tendo ouvido Bequimão fallar, chega-se.

Bequimão falla ás massas. Proclama ao povo, é signal de que o embarço o cerca de perto. Sinto que a febre declina, e o mal augmenta consideravelmente.

BEQUIMÃO.

Não vos comprehendo, Teixeira de Moraes.

TEIXEIRA.

Eu me explico. A revolta começada foi coroada com feliz resultado. A Capitania está independente, o povo livre, mas os negocios complicão-se, as difficuldades apparecem, e vêdes o povo faltar-vos quando mais careceis delle! Não é isto verdade? Precisaes de homens armados, e elles se apresentão instrumentados!

BEQUIMÃO.

O povo nunca me abandona, acreditai.

TEIXEIRA.

Mas abandona a guarda civica, que está mingando á olhos vistos.

BEQUIMÃO.

Sr. Teixeira de Moraes !

TEIXEIRA com hypocrisia.

Não vos altereis commigo. Se assim fallo é para vosso bem. O povo deve-vos muito, elle que facilite o vosso governo correndo aos postos, trabalhando na guarda civica como os nossos amigos libertadores estão fazendo.

BEQUIMÃO apertando a mão de Teixeira.

Obrigado. . . . obrigado. . . .

TEIXEIRA com hypocrisia.

Não são os padres da companhia que nos hão de elevar.

BEQUIMÃO para o povo.

Meus amigos, depois da partida dos jesuitas, eu vos espero em palacio. Teixeira de Moraes accusa-vos, e vós provareis ao vosso accusador, que só illudido pode elle fazer tão errado juizo á vosso respeito.

TEIXEIRA ao povo.

Agouro mal do desanimo vosso, meus amigos, pois se a Capitania cahir em poder dos oppressores, Bequimão

será a victima, que pagará com a vida os beneficios que vos prodigalisa.

POVO.

Viva Bequimão ! Viva ! Viva !

TEIXEIRA.

Bequimão foi por vós nomeado ministro do povo e elle com os seus companheiros padre Deiró, Eugenio Maranhão, S. Payo, e Belchior são os responsaveis pela revolta que vos trouxe a liberdade.

BEQUIMÃO.

Como provarão isso ?

TEIXEIRA.

Com o auto do juramento que os ministros eleitos prestarão na camara municipal.

BEQUIMÃO.

Mas . . . . tudo fôra feito em um circulo . . . .

TEIXEIRA.

Bem o sei. Em duas folhas de papel colladas traçarão um grande circulo no qual forão inscriptos o juramento e as assignaturas, porem esquecerão-se de que

os eleitos pelo povo erão os responsaveis perante o Rei, e que esses eleitos sois vós Bequimão, assim como o padre Francisco Dias Deiró, Eugenio Ribeiro Maranhão, Belchior Gonçalves, Jorge de S. Payo e Carvalho.

BEQUIMÃO.

Esses papeis serão inutilisados.

TEIXEIRA occultando papeis.

Padre Iodoco os pode levar a El-rei. (entra no collegio.)

## SCENA 5.<sup>a</sup>

BEQUIMÃO, povo e soldados.

BEQUIMÃO.

Ouvistes, meus amigos? Sobre minha cabeça pesa o crime de libertar-vos, de tornar-vos livres. Os despotas não querem iguaes, só captivos lhes convem; homens, pensamentos e vontades, só os seus e as suas. Teixeira de Moraes é dos nossos e a verdade que nos disse obriga-me a exigir de vós o sacrificio do trabalho. Não me abandoneis, que o abandono perde-me, e a vós tambem.

## BEQUIMÃO.

POVO.

Estamos promptos. Viva Bequimão ! Viva ! Viva !

SOLDADOS.

Viva o libertador ! Viva ! Viva !

SCENA 6.<sup>a</sup>

DITOS, CATHARINA e MARIA.

CATHARINA.

Felizmente encontrei-te. Ainda cheguei á tempo.

BEQUIMÃO.

Catharina ! Maria . . . . O que as trouxe até aqui.

MARIA á direita de Bequimão.

Meu pai . . . . (acariciando.)

CATHARINA á esquerda de Bequimão.

Bequimão . . . eu . . . e Maria te supplicamos que desistas de cumprir a terrivel sentença da expulsão dos irmãos de Jesus.

BEQUIMÃO.

Catharina!

MARIA.

Meu pae, nós vos supplicamos. . . . imploramos por elles.

BEQUIMÃO.

Ah! jogão a ultima carta! Cobardes! ellas tambem pedem por elles! Miseraveis! que em seu beneficio são capazes de revolverem o ceo e a terra! Esposa. . . filha. . . não é possivel. . . .

CATHARINA.

O perdoar é grato á Deos. És bom. . . . és generoso. . . . Bequimão, revoga essa ordem. . . . oh! não os deixes partir. . . . partir. . . . para sempre. . . .

BEQUIMÃO.

Para sempre! Quem sabe? Eu bem os quizera perdoar, conceder-lhes o que pedem, mas. . . não posso, não devo. O POVO NÃO PODIA RECUAR DO COMEÇADO SEM DESDOURO DA SUA RECENTE RESOLUÇÃO, CUJA MUDANÇA SERIA SEM DUVIDA ATTRIBUIDA A ALGUMA INDECOROSA INCONSTANCIA DO JUIZO.

CATHARINA.

Assim deixas de attender ás nossas supplicas?

BEQUIMÃO.

Não! Não! Elles devem partir. Escolherão-te, Catharina, como instrumento para creares embaraços ás ordens do governo do povo. Catharina, Maria, illudirão-vos. Oh! deixai-nos.... elles vão partir. Não zombarão assim do governo que os expulsa, que os condemnou e punio.

SCENA 7.<sup>a</sup>

DITOS e LAZARO.

LAZARO vindo do collegio.

Senhor, os padres da Ordem de Jesus esperão as vossas ordens.

• BEQUIMÃO.

Tudo está preparado?

LAZARO.

Ouvirão a missa e tomarão palmas. Nada os detem.

BEQUIMÃO.

Fazei o signal para bordo. (Lazaro sahe, para o collegio, em cuja janella ha uma bandeira.) Que embarquem. (ouve-se e vê-se o navio salvar.)

CATHARINA.

As lagrimas e supplicas não o commoverão! Como são insensíveis os que governão! (Lazaro vem à scena com Teixeira.)

SCENA 8.<sup>a</sup>

**DITOS e TEIXEIRA** vindo do collegio com Lazaro.

TEIXEIRA á Lazaro.

Conto contigo como sempre.

LAZARO á Teixeira.

Ella me odeia de todo o coração.

TEIXEIRA á Lazaro.

Sá e Menezes escreveo-me dizendo que os revoltosos estão perdidos.

LAZARO á Teixeira.

Perdidos ! Oh ! eu . . . .

TEIXEIRA á Lazaro.

Esqueceste que és . . . .

LAZARO á Teixeira.

Um ladrão !

TEIXEIRA á Lazaro.

Tu o disseste. (alto.) Ah! vem os deportados.

## SCENA 9.<sup>a</sup>

BEQUIMÃO, CATHARINA, MARIA, LAZARO, TEIXEIRA, DEIRÓ,  
EUGENIO, THOMAZ, S, PAYO, ELIAS, IGNACIO, CASTRO,  
IODOCO, jesuitas, povo e soldados.

BEQUIMÃO á Catharina e Maria, vendo os jesuitas que vêm dois a dois com palmas entre as mãos postas.

Não ! Não ! elles devem partir. (alto.) Irmãos da Ordem de Jesus, fostes intimados para partir, e o governo ordena que obedeçaes. Deos seja comvosco.

IODOCO no centro da scena.

Bequimão, o arrependimento dos vossos erros virá,

porem tarde. Temei da cholera de Deos, e o castigo que provocaes será igual ao enorme crime que ousais commetter. Os irmãos da Ordem de Jesus aprenderão com o Redemptor a perdoar os que errão, elles vos perdoão para que Deos tambem vos possa perdoar.

BEQUIMÃO.

Ide. (a parte á Catharina e Maria.) Sinto compadecer-me d'elles !

IODOCO.

Povo, adeos. . . . adeos. . . . (os jesuitas chorão.)

POVO consternado.

Adeos ! Adeos !

BEQUIMÃO como resolute.

Coragem, Bequimão. (alto.) Cumpra-se a sentença.

LAZARO aos jesuitas.

Segui-me. (vão os jesuitas ao fundo e começam a embarcar em escaletas que ali os esperão depois de se despedirem do povo.)

IODOCO de pé sobre o caes.

Nós voltaremos. . . . voltaremos. . . . meus amados filhos.

BEQUIMÃO.

Padre mestre Iodoco Peres, se voltardes já não me achareis vivo.

IODOCO.

Adeos! Adeos! (embarção todos, o povo abre alas de um e outro lado, e os vinte e dous jesuitas embarcados vão dizendo adeos ao povo, que lhes corresponde.)

POVO.

Adeos! Adeos!

DEIRÓ á Bequimão.

Estamos salvos.

BEQUIMÃO á Deiró.

Ou perdidos.

TEIXEIRA á Lazaro.

O padre Iodoco leva os papeis que os deve perder e condemnar; agora demos-lhe vivas. (alto.) Viva Bequimão! Viva Bequimão!

TODOS em terra.

Viva Bequimão! Viva! Viva! Viva Bequimão!

FIM DO QUARTO ACTO.

---

## ACTO V.

SALA em casa de Bequimão.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

CATHARINA e MARIA.

CATHARINA observando em uma janella o que se passa pela rua.

O povo está alegre; festeja a quem o opprime, e esquece-se de quem o beneficiara. Permitta Deos que não afaguem em seu seio a vibora que os deve morder. (vindo para junto de Maria) Pobre filha! O que será de nós, se a perseguição do novo governador Gomes Freire levar teu pai á prisão? Eu estremeço de horror com esta lembrança, e Ursula Albanez me apparece como um propheta terrivel, recordando-me o que prognosticara a Bequimão!

MARIA.

Meu pai ainda é respeitado por Gomes Freire, que, mandado por el-rei para apasiguar a capitania, teme vê-lo a testa do povo, e ainda victorioso arrancar-lhe o poder que espontaneamente lhe entregou, quando

chegara com seus poucos soldados como governador desta capitania. O vosso receio de vêr realisadas as prophecias d'essa mulher embusteira, faz vos enxergar perigos á cada passo. Deos é grande, minha mãĩ; não pensemos em desgraças de que não temos motivo justo para receiar.

CATHARINA.

Teu pai já estava esquecido das rebelliões; depois de victorioso deixou a vida activa em que se sacrificava; mas S. Payo, seu correligionario, de novo o fez tomar parte nos negocios publicos para salvar a capitania de alguma scena luctuosa.

MARIA.

O Sr. S. Payo foi leviano neste negocio.

CATHARINA.

Teu pai foi obrigado por isso a mandar prendel-o, e sabes quanto lhe custou proceder assim. Prender um velho amigo, que a seu lado combateo em prol da causa do povo! Só por grande erro de S. Payo Bequimão procederia de tal forma. E ninguem desconhece que outro não podia ser o procedimento de teu pai.

MARIA.

Mas o Sr. S. Payo dera desculpas... o povo devia attendel-as.

CATHARINA.

O povo! Maria, esse povo que censuras por exigente impôz a prisão de S. Payo; esse povo estava avido de possuir escravos negros que haviam chegado ao nosso porto e tinham sido aprisionados pelo governo de que teu pai fazia parte como pertencentes ao estanco. Não julgou teu pai melhor distribuil-os, sem que o accusassem de parcial, se não os rifando ao povo, e S. Payo a todos quantos tiravão o bilhete branco dirigia pilherias, asedava os animos irritados pelo azar da sorte, levando o desespero dos malogrados ao frenesi, á loucura! Bequimão, para tudo accomodar, ordenou que S. Payo fosse preso em satisfação áquelles, que, perdendo nesta nova especie de loteria, desejavão desabafar sua raiva contra Jorge de S. Payo.

MARIA.

O Sr. Jorge é um bom amigo de meu pai

CATHARINA.

É por causa d'elle que teu pai anda triste e taciturno. Constou-lhe que o novo governador, o Sr. Gomes Freire, que recebera o governo com a bandeira da paz arvorada, e promettendo amnystia aos compremettidos,

se como taes fossem julgados, ordenara que S. Payo fosse detido como prisioneiro de estado! Esta má nova incommoda muito a Bequimão, que por isso anda inquieto e afflicto.

MARIA.

Grande Deos! Permittão os céos que o Sr. Jorge seja livre e que meu pai nada soffra.

CATHARINA.

Essa ordem de Gomes Freire, que em tão pouco tempo já faltou a fê de suas promessas, perseguindo a Belchior e Eugenio Maranhão, são máos prognosticos, Maria; são indicios de um novo governo despotico, e cruel! Ribeiro Maranhão e Belchior occultão-se, mas o novo governador os persegue.

MARIA.

E o padre Deiró, o que será feito d'elle? Não o vêmos ha muito.

CATHARINA.

O padre Deiró desconfia que o querem prender, e com o seu fiel escravo Cosme anda errante, e quasi invisivel, porque Teixeira de Moraes o detesta, e em nome do governador Gomes Freire, como este em nome d'el-rei, abusa do poder que impensadamente lhe confiarão.

SCENA 2<sup>a</sup>

DITAS e BEQUIMÃO

BEQUIMÃO entra como assustado, vai dentro e volta embuçado em um capote e armado de pistolas e punhal.

Catharina se me procurarem, dize que não tardarei; que esperem. (vai sahindo.)

CATHARINA detendo-o.

Bequimão, entras e sahes.... esse preparativo de guerra.... Oh! Dize-me o que ha de novo?

BEQUIMÃO.

É quasi noite. O sol cahio no occaso, e desapareceu para surgir amanha tão bello como hontem, como hoje, como sempre. Pois bem, a minha liberdade evaporou-se, desapareceu como esses ultimos raios do sol, mas para todo o sempre ficar submergida aos golpes do despotismo! Não te assustes, Catharina; as mulheres não se podem familiarisar com estes aprestos de guerra; ellas têm razão. É barbaro o emprego destas armas. São meios de destruição. Não tenhas receio, minha Catharina, e tu, Maria, anima tua mãe; não me demorarei. (sahe.)

SCENA 3.<sup>a</sup>

CATHARINA e MARIA.

CATHARINA.

Oh! Como vive este coração alterado e em desasocego.

MARIA.

O que haverá de novo?

CATHARINA.

Maria, á sombra da noite teu pai tenta alguma acção, que por de mais arriscada o pode comprometter; e Teixeira de Moraes, seu inimigo figadal, que occultara sempre com hypocrisia o odio que votava a Bequimão, invejoso das glorias deste, descobrira-se finalmente, e vocifera contra teu pai, por que já o prevê perdido. Teixeira de Moraes não hade perder occasião de o condemnar, junto do governador Gomes Freire, de quem é valido hoje, como fôra hontem de Sá e Menezes! Elle illudirá a Gomes Freire como fizera a Bequimão.

MARIA.

Oh! esta incerteza mata!

SCENA 4.<sup>a</sup>

DITAS e DEIRÓ.

DEIRÓ desembuçando-se.

Deos seja comvosco. (pondo a capa sobre uma cadeira.)

MARIA e CATHARINA.

Padre Deiró!... (vão apertar-lhe a mão.)

DEIRÓ.

Silencio. Não levem o vosso praser á ponto de denunciar a minha estada aqui. O tigre procura estrangular a velha raposa que, sendo fraca, usa de sagacidade para escapar as garras do seu sanguinario adversario.

MARIA.

Não o viamos ha tanto tempo....

DEIRÓ.

Andei desconfiado do socego e silencio do governador. Cão que não ladra é o que morde. Arreceio-me de Gomes Freire. Como sou um dos revolucionarios, temo a vingança do novo governador.

MARIA.

Mas porque não vos dirigis á el-rei?

DEIRÓ.

O rei está longe, e antes que as nossas supplicas cheguem aos degrãos do seu throno, a cabeça de Bequimão, a minha cabeça, e de todos os que sublevarão a capitania para a libertar, cahirão decepadas pelo algoz Gomes Freire e seu ajudante Teixeira de Moraes, carascos eleitos pelo despotismo. Se os libertadores não forão assassinos, os seus oppressores o são.

MARIA.

Padre, então fugi das perseguições dos vossos inimigos.

CATHARINA.

Temei, temei d'elles. Teixeira de Moraes foi um traidor tudo deve ter denunciado a Gomes Freire para fazer-se valido.

DEIRÓ.

Teixeira de Moraes nunca me illudio! Perverso! Vendeu-nos como um Judas... Eu não o temo. Cosme, meu amigo e fiel escravo, lá fóra vela por mim. Desfarçado e á noite arrisco-me a estudar a situação, e indagar como correm as cousas. Não me é muito dif-

ficil escapar aos soldados de Gomes Freire, e á malvadez de Teixeira de Moraes. A soldadesca, que trouxe o novo governador, entrega-se de corpo e alma á aguardente que encontram, felizmente, com abundancia; para taes soldados só ha um Deos no céu e na terra—é Bacho. Bequimão, mais atrevido do que eu, anda invocando o seu prestigio junto do povo para uma nova revolta; parece inexperiente! Não vê que o povo é como o cão; lambe e afaga a mão que o castiga!

CATHARINA.

Bequimão apenas entrou aqui, e sahio....

MARIA.

Armado, meu padre, com modos misteriosos....

DEIRÓ.

Compromette-se. Vinha convidal-o para irmos longe, retirados do odio dos nossos inimigos, vivermos juntos, até que a tempestade tenha acalmado. Eu, Bequimão e Cosme importamos em um bom exercito livre para combater a tropa toda do despotismo, se pela ventura forem-nos ao encontro.

SCENA 5.<sup>a</sup>

DITOS e COSME.

COSME.

Senhor.... Senhor....

DEIRÓ.

O que ha de novo? Devo fugir? (tomando a capa.) Ou podemos resistir?

COSME.

Ninguem suspeita que estaes aqui.... é....

DEIRÓ.

Falla. Estás alterado.

COSME.

O Sr. Thomaz, irmão do Sr. Bequimão, foi preso.

DEIRÓ.

Thomaz preso! (Catharina e Maria chorão.) Como o soubeste?

COSME.

Presenciei os soldados novos, os do governador, o prenderem.

CATHARINA.

Compreendo agora porque Bequimão veio a casa armar-se.

DEIRÓ.

Não te enganarias?... O escuro da noite....

COSME.

Vinha para aqui, eu bem o conheço, mas, detido pelo Sr. Teixeira de Moraes, foi entregue aos soldados.

DEIRÓ.

Trahidor Teixeira de Moraes! Infame! Thomaz, que enviamos ao reino, quando dominavamos a capitania, para representar perante el-rei a causa da revolta, e justificar-a perante o mundo, fora tido como rebelde, e remetido á Gomes Freire, com ordem de o conservar preso, porem Gomes Freire temeo, no começo de sua administração, aventurar tão arriscado lance. Ainda nos achando com as armas na mão, Gomes Freire mostrou-se conciliador e não quiz espantar a caça com um tiro mal empregado; deo liberdade a Thomaz para melhor inculcar credito e apanhar-nos á sua vontade,

na rede que nos armava. Mas esta prisão agora é o cartel lançado contra os defensores da liberdade. Covardes! Os recebemos como amigos e elles representão da vibora traiçoeira que morde o seio que a. . . . .

CATHARINA.

Padre, onde estará Bequimão? Oh! temo agora pela sua vida.

DEIRÓ.

Era capaz de apostar que pretende libertar o irmão! Hade querer reunir o povo que foge d'elle, como as ovelhas do lobo que as devora; tentará agitar as massas, que, inertes e frias, já não sentirão o estímulo que elle empregar para conseguir o seu fim. Oh! Cosme, observa que não me prendão à traição; posso ser victima, porem quero morrer depois de haver lutado. Sabes o quanto Teixeira de Moraes me é desaffecto, e certamente elle não me hade poupar. Em nome de Gomes Freire procurará tirar a sua desforra, perseguindo-me, como a Bequimão.

COSME.

Eu não verei meu Senhor preso, porque elles me hão de matar primeiro, antes que o mettão a ferros, como estão os Srs. S. Payo e Thomaz. Ficai tranquillo. Cosme vela. (sahe.)

SCENA 6.<sup>a</sup>

DITOS menos COSME.

CATHARINA.

Padre, Bequimão como sempre desconfiou do novo governador preparára occulta estrada para a fuga, se o perseguirem em sua casa. Se elles quizerem prender-vos pelo fundo do quintal fugireis.

DEIRÓ.

Obrigado. Bequimão foi providente. Contava sempre com o revez da sorte, e preparava no poder o meio de fugir, quando cahisse; sempre o conheci cauteloso. Se o perseguirem.....

SCENA 7.<sup>a</sup>

DITOS e COSME.

COSME entrando faz signal de silencio, e vae a janella.

Psio ! Passarão.... já vão longe. (deixa a janella.)

DEIRÓ.

Obrigado, Cosme, obrigado. Christo não teve quem

o defendesse entre os seus perseguidores, como eu tenho no meio dos meus inimigos.

COSME.

Eu estava na esquina; desfarçava quando ouvi os soldados do Sr. Teixeira fallarem no nome do meu Senhor, e no do Senhor Bequimão. . . . corri á observal-os de perto.

CATHARINA.

Em Bequimão! fallarão nelle! Grande Deos!

MARIA.

Eu tremo agora!

COSME indo a janella.

A noite escurece cada vez mais. *(vem a scena.)* Vou espreitar a rua, gosto de malograr os feitos de perversidade do Sr. Moraes.

DEIRÓ.

Vae, Cosme, que se elles assassinar-nos, tu nos vingará.

COSME.

Eu o juro. *(sahe.)*

SCENA 8.<sup>a</sup>

DITOS menos COSME.

DEIRÓ.

Ainda bem que tranquillo posso esperar a Bequimão. (deixa a capa.) Em Cosme confio tudo. É viver atropelado, viver assim. A Divina Providencia abandonou-nos aos nossos minguados recursos. O povo é sempre o mesmo, em toda a parte, em todos os tempos. Não devemos contar com elle. Assim como facilmente o conduzem á guerra, á rebelião e á morte, difficil é arredal-o do mal que elle considera um bem. Applaudes os seus oppressores e maltrata os que o defendem! Bequimão é um exemplo de que o povo detesta a quem o eleva, e obedece com respeito e humildade a quem o abate. Esta é a historia de todos os povos.

CATHARINA.

Bequimão não deve contar com esse povo voluvel, inconsequente.

DEIRÓ.

Não. Nada tem a esperar d'elle.

MARIA.

E meu pai fica abandonado aos seus perseguidores?!  
E é assim que o povo o recompensa!

DEIRÓ.

É natural. O povo, já fatigado, deixa-se na inercia e declina de seus direitos escravizando-se, aos despotas! Baldados serão todos os esforços de Bequimão, para resistir ao mando de Gomes Freire. Não está na possibilidade humana incendiar o oceano.

CATHARINA.

Se Bequimão tentar soltar os presos, vejo que elle joga a sua liberdade, e mesmo sua cabeça....

DEIRÓ.

Não desesperéis ainda, D. Catharina. Eu o farei deixar hoje mesmo a cidade, iremos, como tenho projectado, longe, bem longe perigrinar, e, esquecidos de nós, ficarão livres—Teixeira de Moraes de Bequimão, e Manoel Guedes Aranha de mim, sem me ter pela prôa para cortar-lhe as vazas na escravidão dos indios, que elle tanto almeja. Desembaraçados todos d'aquelles que temem, deixar-nos-hão em paz.

SCENA 9.<sup>a</sup>

DITOS e COSME.

COSME sobresaltado.

Os soldados do governo prenderão agora mesmo o Sr. Serrão de Castro. É uma caçada de homens que se faz pelas ruas!

DEIRÓ.

Mas Serrão de Castro não foi chefe, não foi cabeça da revolta.

COSME.

Sr. Serrão é valente, porem, só contra muitos, teve de ceder á força dos soldados.

DEIRÓ.

Mais um arrastado para o carcere! Oh! como a Divina Providencia se deixa impassivel sem fulminar tão vis oppressores da humanidade!

COSME observando á porta.

Ah! ahi vem o Sr. Bequimão. Eu irei lá fora velar por elle e por meu Senhor. (sahe.)

SCENA 10.<sup>a</sup>

DEIRÓ, CATHARINA, MARIA e BEQUIMÃO.

CATHARINA correndo á Bequimão.

Em fim te vejo. . . . te aperto em meus braços. . . .

MARIA a Bequimão.

Querido pai ! É Deos que m'ó restitue.

BEQUIMÃO apertando a mão a Deiró.

Amigo, estamos perdidos. Em vão quiz arrebatár meu irmão e os outros amigos do carcere em que gemem carregados de ferros, victimas da horrorosa perseguição que Gomes Freire exerce contra nós ! Ainda achei alguns, poucos é verdade, dentre o povo, que por mim se querião arriscar, expondo suas vidas e liberdades, para darmos evasão aos presos; porem, repellidós pelos soldados de Gomes Freire, no primeiro encontro que tivemos, o meu nome sahio de todas as bocas. Reconhecido pelos agentes de Teixeira de Moraes, que guardão a Thomaz e seus companheiros de infortunio, ouvi o grito de prendão o chefe da rebellião. Era a mim que se dirigião. De novo procurei reunir o povo para dar outro assalto, quando por entre nós correo a noticia de ter sido preso Eugenio Maranhão e Belchor !

DEIRÓ.

Jesus! Todos presos hoje! Bem disse Cosme: é uma caçada de homens.

BEQUIMÃO.

Carregados de ferros, algemados, encarcerados, esperão pelo castigo, que nos é também destinado. Então o povo fugio de mim, desamparou-me, e só com Serrão de Castro resisti contra esses soldados, que pelo temor defendem o jugo que os tem escravos.

DEIRÓ.

Quanta ousadia! Quanta coragem!

BEQUIMÃO.

Debalde tudo! Morreríamos ás mãos d'esses miseráveis, se o accaso não se encarregasse de salvar-nos. Sofregos para prender-nos, podemos todavia escapar protegidos pelo escuro da noite. Logrados com a nossa fuga, seguirão-nos os passos, mas Serrão de Castro os esperou, e disse-me: « Foge, Bequimão, que eu e os nossos amigos tudo esperamos de ti. Vou entreter a esses assalariados em quanto escapas de suas garras para depois libertares a todos. » Quiz resistir, bater-me a seu lado, contra esses vis soldados de Gomes Freire, mas Castro impoz-me que o deixasse só. Correndo aos adversarios como um leão, os accommetteu, e a lucta travou-se bem perto d'aqui.

DEIRÓ.

Desgraçado! Te julgas seguro estando aqui? Aqui onde elles te hão-de procurar? Esses furões te arrancarão da toca, e se não queres morrer á suas mãos, fujamos. Vim procurar-te para propor-te que deixemos a cidade; deves agora acceitar. Cosme presenciara a heroica lucta de Serrão de Castro, e nos dissera a sua prisão. . . .

BEQUIMÃO.

Cosme vio! Oh! se o tivesse a meu lado, dava com Serrão de Castro combate a esses miseraveis soldados de Gomes Freire, que serão infallivelmente derrotados. Dizes bem, padre Deiró, devemos deixar a cidade. Iremos para o Mearim, nas suas matas como esses selvagens que têm o céu por tecto e a terra por leito, errantes andaremos e viveremos, livres da perseguição dos nossos iguaes, que se dizem christãos como nós. Catharina e Maria ficarão aqui, até que haja segurança para aquelles que pelo povo sacrificarão tudo.

DEIRÓ.

Não tens tempo a perder.

CATHARINA chorando.

Partir já! Oh! isto é soffrer muito.

MARIA chorando.

Deixar-nos aqui isoladas. . . .

DEIRÓ.

Deos fica comvosco. Devemos partir sem demora. Gomes Freire deve ficar irritado com a tentativa que Bequimão empregou para libertar os prisioneiros, e nos mandará dar caça pelos seus perdigueiros ou cães de fila.

CATHARINA.

Bequimão, iremos contigo.

BEQUIMÃO.

Não, Catharina. A tua estada commigo seria facil indicio para se descobrir o nosso escondrijo. Ficarás aqui; a tua permanencia na cidade arredará suspeitas de minha ausencia para tão longe. Deos hade permitir que a crise passe depressa, e que breve regressemos ao lar domestico.

DEIRÓ.

Cosme, que nos acompanhará ao desterro, vos trará noticias nossas de quando em vez, e nos levará as vossas saudades.

BEQUIMÃO.

BEQUIMÃO.

Ainda posso vir a ser util a este povo ingrato.

SCENA 11.<sup>a</sup>

DITOS e COSME

COSME.

Desconfiaes do Sr. Lazaro de Mello?

BEQUIMÃO.

Lazaro! Já nem d'elle me recordava. Lazaro é meu filho, meu amigo. Porque perguntas, Cosme?

COSME.

Elle ahi vem.... e.... se fosse suspeito.... (mos-  
tra o punhal.)

BEQUIMÃO.

Deixa-o entrar, que é Deos que m'ô enviou. (para Ca-  
tharina—Cosme sahe.) Lazaro fará mais esta vez o papel de  
dono de nossa casa.

SCENA 12.<sup>a</sup>

DITOS e LAZARO menos COSME.

LAZARO para Bequimão.

Ah! Ainda aqui quando já devia estar longe?!

BEQUIMÃO.

Já não tenho segurança em minha casa?

LAZARO.

Felizmente cheguei á tempo. Fugi, senhor....

BEQUIMÃO.

Acaba.... o que te faz aconselhar-me a fuga?

LAZARO.

Teixeira de Moraes tem ordem para prender-vos.

BEQUIMÃO.

Não me surpreende. Já esperava.

LAZARO.

E não fugis? Esperaes a escolta? Ella não tardará muito.

BEQUIMÃO.

Lazaro, como soubestes que devo ser preso?

LAZARO.

Ouvi do proprio Moraes, e corri a avisar-vos. Felizmente tendes tempo para deixar a cidade, se vos apresardes nas despedidas.

MARIA para Lazaro.

E vós sois dos amigos de Teixeira de Moraes?

LAZARO.

Não, Maria, não sou amigo dos inimigos d'aquelle que servio-me de pai, mas os observo e vigio para ser util á Bequimão.

BEQUIMÃO.

Obrigado, Lazaro, meu filho. Ainda te hei-de assim chamar.

LAZARO.

Seu filho!

BEQUIMÃO.

Lazaro, os obsequios que me deves esquece-os, e se d'elles te lembrares seja para velares por Catharina e Maria, na minha ausencia. Eu parto. Entrego-te essas duas. . . . Oh! como me custa deixal-as. Catharina! Maria! (chora abraçando a filha e a mulher.)

CATHARINA chorando.

Bequimão! Meu amigo! Parte-se-me o coração.

MARIA chorando.

Meu bom pai. . . Oh! porque não me mata Deos?

BEQUIMÃO deixando a Catharina e Maria e pegando  
nas mãos de Lazaro.

É Bequimão quem te supplica, Lazaro de Mello, que tenhas piedade d'ellas. Parto para longe; levarei comigo a miseria, o infortunio e a desgraça, mas tranquillo as deixo, porque Lazaro as protegerá.

LAZARO.

Parta! Parta! Teixeira de Moraes pode apparecer.  
Confiai em mim.

BEQUIMÃO.

Devo partir... sim, devo fugir como um criminoso !  
Lazaro, parto, confiando em ti. Juras-me tudo sacrificares por ellas ?..

MARIA.

Ignora, meu pai....

LAZARO á parte á Maria com ar supplicante.

Maria, teu pai periga entre nós; recordas-te de Ursula Albanez.

MARIA.

Ah! Que fuja... que me leve... Porem ficar... ficar sem elle... com Lazaro de Mello...

LAZARO á parte á Maria.

Queres que teu pai suba á forca ?

MARIA á Lazaro.

Temo de ti !

BEQUIMÃO á Deiró.

E' preciso deixal-as. (para Catharina) Esposa, adeos...  
Maria, filha... O que é isto ? Todos choramos, como se

me conduzissem para o patíbulo ! Até tu, Deiró, deramas lagrimas de compaixão.

DEIRÓ.

Partamos, Bequimão . . . em quanto é tempo . . . as lagrimas nos enfraquecem.

BEQUIMÃO.

Adeos ! (abraça-se com Catharina e Maria.)

CATHARINA.

Bequimão, meu esposo, meu amigo !

MARIA.

Meu pai !

BEQUIMÃO á Catharina.

Lazaro receberá novas minhas para as transmittir a ti e Maria, e Cosme será o nosso correio. Ainda as hei de apertar ao meu coração como agora. (abraça a mulher e a filha.)

SCENA 13.<sup>a</sup>

DITOS e COSME.

COSME.

Fujamos... elles ahi vêm...

BEQUIMÃO.

O algoz e seus ajudantes ; não encontrarão as victimas.

COSME.

Corri para chegar primeiro. (vai a janella.)

DEIRÓ.

Bequimão, partamos. (embuça-se.)

BEQUIMÃO despedindo-se de Catharina e Maria, as abraça ternamente, depois, com arrebatamento, as repelle, e embuça-se na capa.

Deiró por Deos, partamos. Segui-me. (olhando para a mulher e filha.) Adeos ! (sahe pelo interior; Deiró e Cosme o seguem.)

DEIRÓ e COSME.

Adeos. (partem.)

CATHARINA os seguindo em desalento.

Bequimão ! Bequimão ! adeos ! (salle.)

## SCENA 14.<sup>a</sup>

MARIA e LAZARO.

LAZARO.

Partirão. Como rapidas se mudão as grandezas deste mundo. Este homem popular, que da janella do senado da camara orava ao povo e que o povo applaudia, elle que se podia ter feito rei, se rei quizesse ser, foge dos soldados que o perseguem, e o povo, esse povo por quem tudo sacrificara, não o defende como elle o defendera ! Maria, o vosso odio ainda não se abate com estes golpes descarregados pela adversidade ? Não se commove o vosso coração com as minhas supplicas, nem a piedade vos aconselha a attenderdes aos meos soffrimentos ? Maria, a desgraça se ostenta como querendo unir-nos, e não ha que resistir á seus pulsos de ferro ! Dai-me a vossa mão.

MARIA erguendo a cabeça.

Lazaro de Mello, nunca serei vossa.

LAZARO.

Meditai no quadro medonho que se desenvolve a vossos olhos. Não temeis do futuro que vos espera. O perigo que cerca vosso pai não vos enluta o coração? Vosso pai, foragido e perseguido, pode cair em poder de Teixeira de Moraes e eu, só eu, o posso salvar.

MARIA.

Salvo está elle, de nada receio.

LAZARO.

Se hoje está livre, amanhã o posso entregar a justiça.

MARIA.

Vós? Oh! não, não o podeis.

LAZARO.

Esqueceste que serei o intermediario entre elle e vós!  
Que Cosme virá ter commigo, e que eu. . . .

MARIA.

Lazaro de Mello, tenho horror de vos olhar.

LAZARO.

Com a vossa delicada mão precipitaes-me no abismo,

a que debalde quizera fugir, mas o vosso odio me impelle, contra minha vontade, a um crime que a meus propios olhos me torna um monstro. Amai-me, Maria, que tudo mudará entre nós. Essa felicidade, que se transformará em desgraça, vereis de novo raiar risonha como d'antes, se me amardes.

MARIA.

Nunca. Sois muito vil e baixo, para a filha de Bequimão descer até vós.

LAZARO raivoso.

Desgraçada! Não vês que a vida de teu pai tenho em minhas mãos? Que o posso entregar á justiça?

MARIA.

Tentas trahir o teu bemfeitor? Assassino, queres...

LAZARO.

Quero ser amado por ti. Quero que sejas minha.  
(correndo para Maria.)

MARIA fugindo e gritando.

Socorro! Socorro! (cahe desmaiada.)

SCENA 15.<sup>a</sup>

LAZARO, MARIA, CATHARINA, TEIXEIRA e soldados.

CATHARINA vindo de dentro.

Minha filha! . . (vai correndo a Maria, dá com Teixeira e soldados, pára.) O que pretende, Senhor? E' a victima? fugio.

TEIXEIRA.

Virão entrar e não sahir, deve estar aqui. (Faz signal aos soldados que o sigão, ficando um de guarda á porta e Catharina vai para junto de Maria.)

CATHARINA examinando a Maria.

Ella vive! Graças, meu Deos.

LAZARO detendo a Teixeira.

Chegaste tarde; a raposa é menos sagaz que Bequimão.  
(faz signaes a Teixeira que os comprehende, e recuão até ao fundo.)

CATHARINA de joelhos, junto a filha desmaiada.

Maria vive, Bequimão está livre, eu te agradeço, meu Deos.

FIM DO QUINTO ACTO.

---

## ACTO VI.

AS MATTAS do Mearim, deixando vêr o rio que corre atravessando o fundo.  
A' direita uma palhoça meio occulta entre arvores. Frouxos raios do sol  
dourão as folhas das arvores. É quasi noite.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

BEQUIMÃO e DEIRÓ.

BEQUIMÃO sentado em uma pedra á porta da palhoça

Seja feita a vossa vontade, meu Deos.

DEIRÓ sahindo da palhoça.

A vontade de Deos, meu amigo, jamais será que a desgraça nos leve ao desespero. Ha dias a esta parte tenho-te achado, Bequimão, como se estivesses atacado de horriveis pesadêlos. Serás um martyr, concordo, mas não és criminoso, e advinho que estás resignado a supportar o sacrificio da morte, como se a tua vida te pertencesse.

BEQUIMÃO.

Tens razão, meu amigo. Sou um egoista como o

mais vulgar dos homens, só curo de mim e esqueço-me dos mais. O que queres? Se todos esquecerão-se de nós.

DEIRÓ.

E por isso queres morrer?

BEQUIMÃO.

Já não tenho amor á vida. As desgraças que ultimamente nos tem perseguido desanimão-me de dia para dia. Vejo a todos os momentos escapar-nos a taboa em que nos pegamos para conservarmos a vida neste naufragio politico. Gomes Freire, a pedido de Teixeira de Moraes, prometteu grande recompensa a quem prender-me e entregar-me a justiça; não lhe quero mal por isso, não é a força culpada de haver espectáculos de sangue, e sim os que mandão matar, matar em nome da lei!

DEIRÓ.

Não tem Cosme sido portador de noticias de tua mulher e filha? Lazaro não aconselha-nos em suas cartas que tenhamos preseverança no exilio, porque tudo hade mudar, e não te promette visitar-nos brevemente nestes desertos? Como desanimar?

BEQUIMÃO.

Padre, é a esperança que te encoraja, ou a fé que

tens em Deos que te anima continuamente. Cosme tem observado que Lazaro teme por nós novas desgraças, pois só lhe falla ás occultas, quando sem rebuço e temor Cosme encontra-se com Teixeira de Moraes, que, o conhecendo, já o quiz peitar para trahir-vos, para trahir-nos, entregando-nos ao algoz. Esse misterio com que Lazaro recebe a Cosme. . . . Catharina e Maria occultão-se, e Cosme não lhes falla. Lazaro o prohi- be. Oh! tudo me acobarda, Padre Deiró, tudo me torna descrente. . . . A perseguição de Gomes Freire, que confiscara tudo quanto era meu e levou Catharina e Maria a maior miseria. . . . Lazaro encobre alguma catastrophe que pessoalmente quer revelar-me, e teme confiar ao papel. Porem o que mais me atormenta é elle não permittir que Cosme, o nosso fiel amigo, veja e falle com minha mulher e filha. De tudo que tive resta-me esta cabana embrenhada nestas florestas, e muitas vezes somos obrigados a passar noites e dias no meio das mattas, dormindo ao relento, sujeitos ás intemperies das estações. Viver assim é morrer lentamente, quando o carrasco nos podia abreviar esta existencia flagellada por tantos tormentos.

## DEIRÓ.

Animo, Bequimão! Ainda seremos invocados por esse povo ingrato, que por si mesmo vai como a pomba metter-se nas garras do abutre; que offerece flores aos seus oppressores, e espinhos áquelles que só curavão do bem que lhe querião dar. Deos nos protegerá; talvez ainda voltemos a assumir a posição que, logrados com as promessas de Gomes Freire, deixamos escapar

das mãos sem resistencia alguma. Bequimão, a liberdade . . . .

BEQUIMÃO erguendo-se.

A liberdade! É o padre Deiró, o ministro de Deos, proscripto, perseguido, condemnado como criminoso de lesa nação quem falla em liberdade! Não temeis que estas arvores vos esmaguem! Quereis que o povo vos estrangule como seu inimigo? O povo, Deiró, nasceu para servir, para obedecer, e quem serve e obedece não quer, não pode ter liberdade.

DEIRÓ.

Mas os nossos amigos confião ainda em nós.

BEQUIMÃO.

Fazem bem. Esperão a vida no veneno, a salvação na morte. O que pode esperar Belchior, condemnado a ser açoitado de publico, depois de haver cumprido essa sentença infamante? Morrer de vergonha.

DEIRÓ.

E a vingança? E a vingança?

BEQUIMÃO.

Oh! Como se apegão a vida! Quão miseravel é a existencia que á todo custo querem conservar! Ribeiro Ma-

ranhão, julgado o mais innocente dentre os culpados, está carregado de ferros! Eugenio Ribeiro Maranhão é um galé sentenciado ao opprobrio! Felix Jorge de S. Payo, velho, que pouco podendo viver, tanto temia a morte, cumprio a sentença logo, mas não passou pela vergonha. . . .

DEIRÓ.

E teu irmão ?

BEQUIMÃO.

Thomaz é um outro desgraçado que curva-se diante dos algozes, para supplicar-lhes a commutação da pena; Thomaz julga-se feliz, enchaforçado na miseria e na vergonha de suas negras acções, e contente, porque o deixarão viver, seguio para o degredo de Pernambuco, considerando-se um homem ditoso, quando não passa de um miseravel muito despresivel.

DEIRÓ.

E tu, deixas-te morrer ?

BEQUIMÃO.

Não, entrego-me ao accaso.

DEIRÓ.

Entretanto Lazaro tem esperanças; como te diz em suas cartas, que Catharina e Maria ainda te abracem.

BEQUIMÃO.

Padre, nos vossos livros aprendi que Christo ao conduzir a cruz ao monte Calvario, encontrara a sua Santa Mãe para dizer-lhe o adeos da agonia. Quem sabe se no caminho do patibulo. . . .

DEIRÓ.

Bequimão, é preciso viver. A tua existencia pertence a tua mulher, a tua filha, aos teus amigos.

BEQUIMÃO.

Oh! não me azedes mais estes momentos de dôr que me retalhão o coração. Poupa-me esses golpes que me acabrunhão e mortificação. Deiró, Lazaro promette-me sempre velar por minha mulher e filha, e n'elle muito confio. Já vês, que á ellas, pouca falta devo fazer. Lazaro é moço, e eu velho; é o dia que nasce, e eu o dia que morre.

DEIRÓ.

Lazaro de Mello muito te deve para nelle confiares, porem, melhor do que elle, tu defenderias tua mulher

e filha, agora principalmente que estás pobre e que a miseria as cerca já de perto.

## BEQUIMÃO.

Lazaro é rico, elle repartirá sua riqueza, o seu pão com Catharina que o creara, com Maria que com elle cresceu e vio a mocidade florir para ambos, que juntos recebião quinhão igual de amor e carinhos. Ha pouco queimei as cartas que d'elle tenho recebido, temendo ser preso, e esses documentos bem o podião perder commigo; não, que é elle a minha ultima esperanza. Criei-o pobre orphão! Salvei-o da miseria. Maria é moça e formosa, e os meus votos erão casal-a com Lazaro e assim assegurar o futuro de minha familia. É o que pretendo propor quando Lazaro me vier falar. E não será esse o fim que o traz a estes desertos? Suspeitei, depois que vim do Gurupá, que Lazaro amava a Maria.... e ella! Quem pode advinhar o que sente e deseja um coração de mulher?

## DEIRÓ.

Tu viverás, não é assim? Viverás para veres tua filha esposa, e mesmo para acompanhares nesta perigri-  
nação ao teu velho amigo Deiró?

## BEQUIMÃO.

Só Deos o sabe.

## SCENA 2ª

DITOS e COSME.

DEIRÓ.

Ouço estalos na floresta... Alguem chega... occultemo-nos....

BEQUIMÃO.

Serão os soldados de Gomes Freire?... (vão occultar-se.)

COSME apparecendo com uma cesta.

Não vos assusteis. Sou eu. Aqui não podem dar connosco tão facilmente. O Sr. Lazaro de Mello é o unico que pode chegar até nós, porque foi necessario ensinar-lhe o lugar em que vos occultaes, para poder chegar a vós e vos fallar, Sr. Bequimão, como elle deseja. (tirando da cesta diversas fructas.) Trago-vos o alimento que as mattas nos dão. Vós ainda não jantastes.

DEIRÓ.

Cosme, és um amigo incansavel? És o nosso bom anjo.

COSME offerecendo fructos.

Aqui tendes estes bacurys, (offerecendo a Bequimão.) Sr. Be-

quimão, escolhei os que estiverem doces.... temos muitos... mas que tristeza é essa? Não gostaes de bacurys? Aqui estão guabirabas, é boa fructa... temos goiabas.... ingás.... oh! são fructas do matto, porem servem para matar a fome... Trago estas flores para alegrar-vos... são as estrellas da terra. (mostrando um ramo tosco de flores silvestres.)

DEIRÓ.

Então, Bequimão, não comes? O que te impede?

BEQUIMÃO sentando-se á porta da palhoça.

Não tenho fome.

COSME tirando uma cabaça da cesta.

Mas haveis de ter sede. Eis um pouco de vinho que fiz para os meus senhores. Está mesmo a pedir mais.

DEIRÓ.

Vinho! D'onde o tiraste?

COSME.

Das nossas palmeiras. Ha dias derrubei uma palmeira. e hoje achei-a cheia desse bom vinho. Bebei, Sr. Bequimão.... Não é copo de vidro, porem é limpa a

cabaça. Não me recuseis o vinho como ha pouco fizestes com as fructas.

BEQUIMÃO pega na cabaça que Cosme lhe offerece e bebe.

Obrigado, Cosme, obrigado. É magnifico licor.

COSME dando a cabaça a Deiró.

Meu Senhor, sabe que fiz um voto a S. Benedicto?

DEIRÓ bebe e dá a cabaça a Cosme.

Que voto foi esse?

COSME.

Jurei a meu S. Benedicto de vingar a meu Senhor, ou ao Sr. Bequimão, se alguém vos offender.

DEIRÓ.

Se alguém nos offender! Cosme, queres dizer: se formos presos?.... mortos?....

COSME.

Ai d'aquelle que concorrer para a vossa prisão. Oh! a minha vingança será terrivel.

BEQUIMÃO.

O que farás, Cosme ?

COSME mostrando uma faca.

Mato-o. (guarda a faca.) Eu o juro.

BEQUIMÃO.

Tingerias tuas mãos em sangue de teus semelhantes?  
Oh ! Cosme, isso seria um crime.

COSME.

Que importa ! Vós dizeis : preto quando não tigna, suja. Eu vingarei a meu Senhor, ou ao Sr. Bequimão, com o risco da propria vida. Nós, filhos de Caim, achamos praser na vingança.

BEQUIMÃO erguendo-se, abraça Cosme.

Deixa-me apertar-te em meus braços. És negro só na côr.

COSME confuso.

Meu Senhor Bequimão . . . . vós me perdeis . . . . apertando em seus braços um . . . . um escravo . . . .

DEIRÓ.

Escravo! Cosme! Não és escravo, és um amigo nosso. És livre, Cosme, e como meu semelhante, meu igual, vem que te quero abraçar também. . . .

COSME indo ajoelhar-se aos pés de Deiró.

O que vos fiz, meu Senhor? Eu livre. . . . eu igual. . . . vós o dissestes. . . .

DEIRÓ erguendo a Cosme.

È aqui, aqui, Cosme, que te espero. (abrindo os braços.)

COSME abraçando a Deiró.

Oh! Quanta felicidade. . . . rio. . . . choro. . . . estou contente. . . . sinto-me triste. . . . Sr. Bequimão. . . . meu Sr. Deiró. . . . Agora nada receio. Vou observar a estrada, espiar o rio e guardar-vos. Tenho faro como um cão, elles não lograrão illudir-me; sou livre, posso bater-me com o Sr. Teixeira de Moraes; somos iguaes.

DEIRÓ.

Igual a Teixeira! oh! não. Elle é um ente vil e abjecto, e tu, Cosme, tu és um verdadeiro homem de bem, abençoado por Deos.

COSME guardando o resto das fructas e a cabaça dentro da cesta.

Aqui fica o resto do nosso jantar, pode servir para a ceia de hoje ou almoço de amanhã. (leva para a choupana e volta.) Agora ficai tranquilos eu vos defenderei sempre. Deos me protegerá. (sahe.)

SCENA 3.<sup>a</sup>

BEQUIMÃO e DEIRÓ.

DEIRÓ.

Então, Bequimão, nada comeste ?

BEQUIMÃO.

O vinho de palmeira confortou-me bastante.

DEIRÓ.

Assim devia ser, andas fraco. A nossa palhoça improvisada não nos preserva da forte rajada da chuva, nem do vento que sopra rijo e frio, como é costume nesta estação. A rasão aconselha que comas algumas fructas... eu as vou buscar. (indo para a palhoça.)

BEQUIMÃO detendo a Deiró.

Obrigado, obrigado. É noite e não tardarei a deitar-

me. O somno fortalece o corpo abatido e dá animo para supportar-se as vicissitudes deste mundo. Como já mudei a palha molhada, posso deitar-me sem receio de molhar a unica roupa que tenho.

DEIRÓ.

Se teimas em não comer, vamos mal.

BEQUIMÃO.

Não te alteres commigo, Deiró. O coração presagia-me que as prophcias de Ursula Albanez se hão-de realizar.

DEIRÓ.

Sabes o que se realizará? É morreres de fome, se não quizeres comer.

BEQUIMÃO.

Devo morrer ás mãos de Gomes Freire. . . . de Teixeira de Moraes. . . .

DEIRÓ.

Se te deixares apanhar, creio que será esse o fim que te espera.

BEQUIMÃO.

Que importa? Se morrer, resta-me a agloria de ter

combatido o estanco, e o deitado por terra. Gomes Freire de novo o creou, e já o condemnou, como eu o fiz. Esse beneficio lego ao povo por quem sacrifiquei a vida.

DEIRÓ.

Ainda resta-nos inutilisar para sempre os jesuitas.

BEQUIMÃO.

Estão mortos tambem: O golpe foi dado na cabeça, e o corpo baqueou. O Prior Iodoco Peres voltará, mas os seus irmãos, nunca mais hão de erguer-se. Deiró, a causa pela qual nos sacrificamos era santa e nobre, e não fôra a ambição que nos demovera a entrar na revolta; assim, ainda que tudo perdemos, não será a nossa memoria maculada aos olhos das gerações vindouras.

## SCENA 4.<sup>a</sup>

DITOS e COSME.

COSME.

Escondão-se... alguém dirige-se para estes sitios... o escuro da noite não me deixou reconhecer se era Sr. Lazaro ou os soldados do governador.

DEIRÓ.

Deve ser Lazaro. (aparte a Cosme.) Este moço me é suspeito; não confio nelle. (alto.) Elle é o unico sabedor de nosso asylo.

COSME.

Seja ou não seja, não ha tempo a perder com reflexões; toca a fugir e eu verei quem é que ousa entrar até aqui. . . . Os passos erão de mais de uma pessoa.

BEQUIMÃO.

Quem será?

DEIRÓ.

Partamos. Cosme nos avisará. (sahe.)

SCENA 5.<sup>a</sup>

COSME e LAZARO.

COSME.

Antes que cheguem a elles me hão de matar primeiro. (vendo Lazaro.) O Sr. Lazaro! Como acertou com o caminho?

LAZARO com hypocrisia.

Ensinaste-me com tanta certeza e pericia que facil me foi atinar. É aqui que o meu bemfeitor se occulta? Errante, como feras, sem asylo, sem protecção! Oh! como me custa ver tanta desgraça. Cosme, onde está Bequimão?

COSME.

Viestes só? Julguei ouvir passos de mais gente.

LAZARO.

Distante d'aqui deixei alguns amigos para defender-me se fosse preciso. Cosme, Bequimão ignora o fim para que o procuro; é natural; não lhe disse nem pode advinhar.

COSME.

Deve ser a gratidão.... sois seu pupillo.... o seu filho.... e a amisade....

LAZARO.

Venho pedir a Bequimão a mão de sua filha Maria, e assim repartir com elle parte da riqueza que possuo e suavisar a pobreza que lhe deu Gomes Freire, confiscando-lhe a fortuna.

COSME alegre.

Oh! que felicidade para o Sr. Bequimão! Ver a sua querida filha amparada no meio dos. . . .

LAZARO.

Despotas, não é assim?

COSME.

É como eu ouço os meus Senhores chamarem a gente que governa lá na cidade.

LAZARO.

Como poderei ver a Bequimão? Dize-me, o padre Deiró está sempre com elle?

COSME.

O Sr. Bequimão e meu Senhor Deiró são dous corpos com uma só alma.

LAZARO.

Conduz-me a Bequimão. . . . ancioso quero abraçá-lo.

COSME.

Esperai. (sahe.)

SCENA 6,<sup>a</sup>

LAZARO e TEIXEIRA.

LAZARO indo ao fundo.

Sentido!

TEIXEIRA apparecendo.

Vamos emfim apanhal-o, e talvez com o seu compa-  
nheiro Deiró.

LAZARO.

É uma traição infame que me obrigas a praticar.

TEIXEIRA.

Se o não entregasses a justiça, serias accusado como  
cumplice, e obrando como estaes, o governador promet-  
te fazer-te capitão, e dar-te toda a fortuna confiscada a  
Bequimão. Maria será tua.

LAZARO.

Maria está pobre, não a amo mais.

TEIXEIRA.

Será tua amante, já que não quiz ser tua esposa. É

uma vingança que deves tomar d'essa soberba mulher, que sempre te despresou.

LAZARO.

Fraca flor que tem de curvar-se ao capricho do vento, Maria, não pensavas no futuro !

TEIXEIRA.

Sinto passos. É elle. Espero pelo signal. (sahe.)

## SCENA 7.ª

LAZARO, BEQUIMÃO e COSME.

BEQUIMÃO correndo a abraçar Lazaro.

Lazaro. . . . meu filho. . . . meu amigo.

LAZARO abraçando a Bequimão confuso.

Senhor. . . . que é isto? Quanta miseria. . . . O meu bemfeitor neste estado! Em que penuria vos encontrei. Onde está o padre Deiró?

BEQUIMÃO.

Occulto, espera por mim; não costumamos expor-nos juntos. Cosme disse-me antecipadamente os

teus disignios. Oh! deixa-me abraçar-te. Maria....  
Maria será feliz. Falla-me n'ella, em Catharina....  
como as deixaste? Que cuidados não me tem consu-  
mido!

LAZARO.

Ellas acompanharão-me: foi uma sorpeza que vos quiz  
fazer. A noite não permittia que chegassem até aqui,  
porem podemos....

BBQUIMÃO.

Ellas! vel-as! Oh! morro de alegria. Onde estão?  
Lazaro, meu filho, quero as ver... Catharina... Ma-  
ria....

LAZARO.

Vinde. (leva Bequimão ao fundo.) Aqui tendes Bequimão.

## SCENA 8.<sup>a</sup>

DITOS, TEIXEIRA e soldados.

TEIXEIRA aos soldados.

Em nome do governador, prendei-o.

BEQUIMÃO preso pelos soldados.

Traição ! (os soldados o amarrão com cordas.)

COSME occulto.

Bequimão, eu te vingarei. (esconde-se.)

LAZARO.

Quem falla em vingança ?

TEIXEIRA.

Deiró ainda escapa-nos desta vez.

BEQUIMÃO amarrado.

Lazaro, és o carrasco, o padecente está prompto, o que esperas? Judas vendeu a Christo, porem Judas morreu. . . .

TEIXEIRA.

Como haveis de morrer, visto que a justiça vos tem em seu poder.

BEQUIMÃO luctando com as cordas que o prendem.

Lazaro de Mello. . . eu te juro. . . manda afrouxar as cordas que me cortão as carnes, ou ordena que as apertem até matar-me. . . eu não fujo, não. Acompanhar-te-

hei até ao patibulo a que me conduzes. Oh ! por piedade, manda afrouxar estas cordas que me torturão muito . . . isto é barbaro . . . é cruel.

LAZARO para os soldados.

Afrouxai-lhe as cordas.

TEIXEIRA para os soldados.

Lazaro, se fostes o Judas deste novo Christo, lembra-te que Judas não foi Simão Cyrineo. (para os soldados.) Conduzão o preso.

BEQUIMÃO estorcendo-se nas cordas.

Oh ! matai-me . . . matai-me antes.

LAZARO.

Em nome de Deos, Teixeira de Moraes, tem piedade do muito que elle soffre.

TEIXEIRA para os soldados.

Partamos. (para Lazaro.) Serás capitão, serás rico, mas Bequimão será justificado.

LAZARO

Este homem é de marmore !

BEQUIMÃO antre os soldados.

Adeos Deiró ! . . . . Cosme adeos . . . . adeos . . . (sahe  
com os soldados e segue Teixeira e Lazaro.)

## SCENA 9.<sup>a</sup>

DEIRÓ e COSME.

COSME observando a scena para o lado em que partio Bequimão.  
Contempla e jurando.

Lazaro de Mello, agora nós.

DEIRÓ tem se aproximado de Cosme e o ouve; bate-lhe no hombro.

O teu juramento ?

COSME vira-se e ajeolha.

Em nome de Deos abençoai-me que eu vingarei a  
Bequimão.

DEIRÓ.

Eu te abenço em nome de Deos. (abençoa, com os olhos  
erguidos para o ceo, tendo Cosme de joelhos a seus pés.)

FIM DO SEXTO ACTO.

---

## ACTO VII.

CARCERE; á direita entrada geral; á esquerda baixa grade que communica para o interior do carcere. Outra grade a esquerda alta indica a entrada de uma prisão. Ao fundo janellas engradadas. Vem amanhecendo.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

ELIAS e COSME.

ELIAS abrindo a grade da entrada geral e entrando acompanhado por Cosme.

Entrai, filho, que graças devemos dar a Deos por não termos encontrado quem nos obstasse a passagem. Julgarão-te meu acolito e com o padre podestes chegar até aqui. Mas á que vens nestes lugares, em um tempo tão calamitoso como este? A tua coragem é mais uma loucura, do que um feito de bravura. Ignoras por ventura o risco que corres?

COSME.

Não, Sr. Fr. Elias. Tudo sei, mas fiz um juramento e devo cumprir.

ELIAS.

Terrível deve ser, que á tanto risco te expões.

COSME.

É um segredo, meu padre. Muito vos devo por terdes attendido ás minhas supplicas, consentindo que entrasse nesta prisão, em que o Senhor Bequimão geme carregado de ferros, á espera de sua hora fatal.

ELIAS.

Cosme, o teu senhor Deiró deve receiar igual fim. Elle ha soffrido muito, não é verdade?

COSME.

Muito; porem meu Sr. Deiró jámais será trahido como fora o Sr. Bequimão. . . . elle não tem pupillos que o atraioem como fez. . . .

ELIAS.

Lazaro de Mello. Infame! Entregou o seu bemfeitor á justiça, por não poder deshonnar-lhe a filha que nobremente resistio a seus rogos, e as suas ameaças.

COSME.

Foi um traidor que o governador recompensou bem. . . .

ELIAS.

Todos o desprezo. Fogem delle, como se a lepra cobrisse-lhe o corpo.

COSME.

Não importa; é capitão e o governo fizera-lhe doação dos bens que havia tomado ao Sr. Bequimão. Que importa o desprezo dos mais, quando se é grande e rico ?

ELIAS.

Cosme, a tua intelligencia não descobre o quanto é horrivel viver assim como Lazaro de Mello vive. Os que d'elle se servirão o maltratão, e repellem-no.

COSME.

Ama-se a traição, e aborrece-se o traidor.

ELIAS.

Lazaro bem comprehende o miseravel papel que o obrigão a representar nesta sanguinolenta tragedia. Vim ouvir a ultima confissão de Bequimão, meu amigo e correligionario. Bem sei que o meu passado traz abertos sobre mim os olhos das autoridades. Sei fugir á seus odios, e á sêde de vingança que contra mim sentem os vassallos do governo tyranno. Se fomos considerados menos culpados que o padre Deiró, Cos-

me, a mim e a Fr. Ignacio não nos deixarão a liberdade completa, como outr'ora gosavamos. A perseguição nos flagella com a mascara da tolerancia. Obrigão-me a confessar a Bequimão, porque sabem que isso martyrisa-me muito.

COSME.

Sr. Fr. Elias, á que horas é a execução?

ELIAS.

Às 7 da manhã. O dia nasce já, e pouca demora ella poderá ter. (vendo á esquerda.) Ahi vem o carcereiro Bartholomeu. Exerce este duro emprego por amor de Bequimão, que o nomeara quando governava a Capitania, com o fim de suavisar nesta prisão os rigores do carcere, para com Jorge de S. Payo, que d'aqui sahio como Bequimão deve sahir. É com elle que tens a tratar um negocio, segundo disseste-me; deixo-te em liberdade, mas acautela-te de Teixeira de Moraes e dos seus infernaes espias.

COSME.

Conheço ha muito o Sr. Bartholomeu. Venho fallar-lhe em nome do padre Deiró.

ELIAS.

Eil-o ahi. Bequimão me espera. (sahe por onde entra o carcereiro, pela esquerda.)

SCENA 2.<sup>a</sup>

COSME e BARTHOLOMEU.

BARTHOLOMEU fallando para Elias.

Vá, meu padre. Nunca suppuz que viesse a ser seu carcereiro tambem. Veja como custa a soffrer os ultimos momentos da vida. (enxuga os olhos, vem a scena, e Elias sahe.)  
Quem será que me procura?

COSME.

Eu.

BARTHOLOMEU assustado.

Cosme! Cosme! O escravo de Deiró.

COSME.

Ha pouco choraveis, Sr. Bartholomeu, pelo triste quadro que se desenrola aos olhos de todos, e não quereis por certo ennegrecer mais este painel, sacrificando a Cosme, que fora escravo do vosso amigo Deiró, ás iras dos carniceiros d'el-rei.

BARTHOLOMEU.

E o que pretendes de mim? Como podeste entrar?

COSME.

O que vos importa saber ?

BARTHOLOMEU.

Desgraçado ! Não sabes que nem ao ar é permittido entrar livremente nestes lugares ?

COSME.

Bem o sei. O Sr. Teixeira de Moraes, não me podendo tornar vil e trahidor, persegue-me como faz a meu Senhor Deiró, mas eu não o temo. Sou livre, posso bater-me com elle, e ai delle se cahir em minhas mãos. Foi o padre Deirò quem me enviou a ter convosco para que me protegesses, a fim de que possa dizer de sua parte o ultimo adeos de amisade em despedida eterna a seu companheiro e amigo o Sr. Bequimão. Incumbio-me de vos entregar este annel ecclesiastico, adornado de pedras preciosas, certo que, quando nada valesse, o receberieis em signal de amisade. (dá-lhe o annel.)

BARTHOLOMEU recebendo o annel.

Elle ainda se lembra dos velhos amigos.

COSME.

Em nome do vosso amigo, supplico-vos que me façaes fallar com o Sr. Bequimão.

BARTHOLOMEU.

É impossível. Chegaste tarde. Bequimão está no oratório dos condemnados; o carrasco espera á porta, os soldados o cercão e Fr. Elias deve ouvi-lo agora em confissão. Cosme, se trazias algum plano concertado para libertal-o, perde a esperança de o executar, porque as portas da eternidade abrem-se de par a par, para receber o martyr Bequimão.

COSME.

E assim matão um grande homem! Sr. Bartholomeu, já que é impossível fallar ao Sr. Bequimão, haveis de consentir que o veja quando passar por esta sala para ir cumprir a fatal sentença! Oh! com os olhos arrasados de lagrimas e o coração latejando de dor, eu o verei passar. Ihe enviarei em nome do padre Deiró e do seu escravo Cosme o derradeiro... o ultimo adeos.

BARTHOLOMEU.

E se fores descoberto? Se Teixeira de Moraes apahar-te, soffrerás o rigor do seu odio satanico.

COSME.

Não o temo.

BARTHOLOMEU.

És corajoso e destemido, sejas cauteloso e sagaz. Se

acaso te vires acossado pelos esbirros do governo, foge por aquelle lado (indica a esquerda.), e pela porta da capella, onde Bequimão ouve o santo sacrificio da missa, escaparás da vingança de Teixeira de Moraes, que busca punir a tua nobreza de character, a tua fidelidade, porque elle nunca conheceu o valor que isso tem.

COSME com effusão de gratidão.

Obrigado. . . muito obrigado. . . Bem disse o Sr. padre Deiró que ereis seu amigo.

BARTHOLOMEU observando a scena.

Alguem chega. (á direita.) É o capitão Lazaro de Mello.

COSME indignado.

Elle ! Onde me occultarei ?

BARTHOLOMEU indo á grade da prisão que está á esquerda alta.

Aqui. (abre a grade.)

COSME.

Era tempo ! Este homem não nasceu para carcereiro. Sois bom e generoso. (entra.)

BARTHOLOMEU.

Deixo a chave na fechadura para que abras e saias,

logo que poderes abandonar estes lugares. (deixa a chave na grade.)

SCENA 3.<sup>a</sup>

BARTHOLOMEU a LAZARO.

LAZARO fardado.

Todos fogem de mim! E sou capitão do exercito do rei! E porque me repellem e sentem horror de apertarem-me a mão, de fallarem commigo?! Sou um monstro! Trahi aquelle que eu devera defender com o risco da propria vida, para ser official do rei! Sou rico, e deixo viver na miseria a filha de Bequimão que fora criada commigo! Não socorro na pobreza a esposa de Bequimão que me recebera orphão e me livrara da miseria! (indo fallar a Bartholomeu.) Bartholomeu... (este arreda-se e dá-lhe as costas.) Até este homem me insulta! Carcereiro, a quem lagrimas e suspiros não commovem, porque te revoltas contra mim? Eu sou capitão, sou rico...

BARTHOLOMEU.

Judas não chegou a ser capitão, nem rico, apenas obteve 30 moedas pela traição que fez; vós fostes mais feliz... muito mais feliz.

LAZARO horrorisado.

Sou um miseravel !

BARTHOLOMEU.

O que pretendeis aqui, Sr. capitão Lazaro de Mello ? Não sois amigo do padecente para receberdes o ultimo suspiro do seu coração generoso. Elle ora nos degrãos do altar, não lhe apresenteis a esponja de fel, que o calice de amargura esgotou elle já. Não lhe cuspais nas faces novas injurias, quando constricto vai entregar sua alma a Deos.... Oh ! deixai-o morrer....

LAZARO.

Eu o vinha vêr.... de joelhos implorar perdão.... pedir-lhe.... Não, não devo comparecer em sua presença.... Não poderei encaral-o sem morrer.

BARTHOLOMEU.

Tendes remorsos já ? É a nuvem que encobre o sol; ella passará, para aquelle brilhar ainda mais. O navio de guerra, que acaba de fundear, chegou do reino; certamente vos trará novas graças e maior riqueza em recompensa...

LAZARO colerico.

Bartholomeu ! Esqueces-te que fallas á um capitão do rei ?

BARTHOLOMEU.

De tudo me lembro. Sois capitão de el-rei... (com desprezo.) de mais tenho entretido conversa com tão (ironico.) nobre e leal capitão do rei...

LAZARO querendo desembainhar a espada e vendo que não a trouxe.

A minha espada... Miseravel receberieis prompto castigo... Eu... eu te punirei.

BARTHOLOMEU.

Deixastes a vossa espada no corpo da guarda; ide busca-a, já que a deshonra... (Lazaro encolerisa-se avança para Bartholomeu, e pára.) Capitão, aqui eu sou mais do que vós.

LAZARO.

Bartholomeu! Bartholomeu!

BARTHOLOMEU.

Silencio. Ouço soluços dolorosos que se aproximão desta sala. (indo a direita) São ellas! Sr. Lazaro de Mello, saboreai com praser os momentos deliciosos que soubestes preparar. (fallando para Catharina e Maria que apparecem á grade.) Tenho ordem de deixar-vos entrar... vinde...

LAZARO encobrindo-se.

Maldição!

BARTHOLOMEU vindo á Lazaro, falla-lhe a parte.

São victimas da vossa perfidia, da mais negra traição.  
(para Catharina e Maria) Vou avisar ao Sr. Bequimão . . . segui-me . . . (sahe.)

## SCENA 4.<sup>a</sup>

LAZARO, CATHARINA, MARIA e COSME.

MARIA conduzindo Catharina.

Coragem, minha mãe. Jesus ao caminhar para o Golgota encontrára sua santa mãe, meu pai encontrará sua estremosa esposa . . . e sua filha.

CATHARINA apoiada em Maria.

Como se me parte o coração!

MARIA.

Não o desanimemos com as nossas lagrimas com a nossa dôr, quando elle carece d'essa coragem que os martyres recebem de Deos.

CATHARINA. . .

Conduz-me á sua presença: Quero morrer á seus pés.

MARIA.

Fallais em morrer, minha mãe, e eu? Eu sem vós como viverei no mundo, tendo perdido meu pai?

CATHARINA.

Sinto-me tremer toda!... Frio suor percorre-me pelo corpo, e o sangue circula-me gelado nas veias... Filha... filha...

MARIA sentando Catharina em uma cadeira velha.

Minha mãe, minha querida mãe...

LAZARO.

Se pudesse fugir... mas não. (vai sair; pára.)

MARIA para Lazaro.

Quem quer que sejais por piedade vinde salvar minha mãe... Oh! que afflicção, meu Deos! Ella torna a si... sinto reanimarem-se-lhe as faces. (indo a Lazaro.) Senhor... (reconhecendo.) Lazaro de Mello! (cobre o rosto.)

LAZARO.

Já vos horroriso, Maria? Assim devia acontecer. Amei-vos muito e muito me despresastes. Hoje não vos amo, odeio-vos. Reduzida a miseria, o que vos resta? Uma fraca mãe, ameaçada pela morte, e um pai crimi-

noso entregue aos tratos do algoz. Tudo foi obra minha, mas vós assim o quizestes. O odio procurou a vingança, e cahistes como a delicada flor ao sopro do vendaval.

MARIA junto a Catharina.

Coração de tigre, sei que não vos commove a miseria a que nos reduzistes, e a traição que fizestes áquelle que vos servio de pai.

LAZARO.

O espetaculo de sangue que a lei e o rei offerecem ao povo desta capitania, no dia de hoje, em parte é devido a ti. Oh! foi ou não completa a minha desforra, Maria, soberba e orgulhosa?

COSME espiando na grade.

Que vejo! Ellas e o Sr. Lazaro! (escuta, observando.)

MARIA para Catharina ainda desmaiada.

Eu te agradeço, meu Deos, por ella nada ouvir neste momento de angustia. (a Lazaro.) Sois um infame.

LAZARO irritado, dando as costas a prisão em que Cosme está occulto.

Maria, não me provoques a punir-te.

MARIA com dignidade.

O que esperaes? Assassina a filha, como fizestes ao pai.

COSME.

Elle ameaça! (começa a abrir a grade.) O insulto não ficará impune.

CATHARINA tornando a si.

Onde estou ?

MARIA.

Minha boa mãe! Oh! vamos.... o demonio persegue-nos ainda.

CATHARINA.

Que lugar é este ?

MARIA.

Meu Deus! Que olhar desvairado, minha mãe. Oh! minha querida mãe.... quanto soffreis! (ajoelha-se aos pés de Catharina.)

LAZARO.

Maria, eu ainda te posso fazer feliz; queres um asilo

para ti e para tua mãe, segue-me; não serás minha mulher, não serei teu esposo; serás minha amante.

MARIA de joelhos junto a Catharina, ergue os olhos para o céu.

Faltava-me esta affronta, meu Deos; elle reservou-a para lançar-me ás faces neste terrivel momento !

COSME já fóra da grade.

É preciso esmagal-o.

LAZARO frenetico.

Vamos, Maria, vamos. Esquecer-me-hei do mal que me fizestes, do rigor com que me tratastes, e em teus braços o mundo será esquecido por nós. (indo até junto de Maria.)

MARIA.

Não me toqueis. Se derdes um passo mais grito por soccorro.

LAZARO.

Occupão-se todos com Bequimão que vai ser enforcado e não te hão de ouvir. Maria... (avança para Maria, Cosme o detem.)

COSME.

A serpente encontra as vezes quem lhe pise a cabeça.

MARIA e LAZARO.

Cosme !

MARIA correndo a Cosme.

Defende-nos em nome do padre Deirò, e de Bequimão.

COSME encarando a Lazaro, colloca-se entre elle, Maria e Catharina.

Vinde, Senhora. (para Maria.) Vosso pai espera por vós,  
e por vossa mãe. (Conduz as duas, que sahem pela esquerda.)

## SCENA 5.<sup>a</sup>

LAZARO e COSME.

LAZARO.

Cosme aqui ! Quanta audacia em um vil e despre-  
sivel escravo.

COSME.

Senhor Lazaro de Mello, insultai-me como vos aprou-  
ver, mas o povo vos aponta como um. . .

LAZARO.

Desgraçado !

COSME com sangue frio.

A vossa colera está desarmada; não tendes a espada...

LAZARO.

É de mais ! Até este negro insulta-me !

COSME.

Se o matasse agora, não veria o Senhor Bequimão. Não desesperéis. Vim aqui para cumprir um juramento, hei de cumpril-o.

LAZARO.

Um juramento ?

COSME,

Sim sei que sois ambicioso. Sois capitão, sois rico, mas novos feitos gloriosos podem ainda elevar-vos em postos e augmentar a vossa riqueza. Não é verdade ?

LAZARO.

É verdade !... mas não te comprehendo...

COSME.

Eu me explico. Se eu trahisse meu Senhor, como o fizestes ao vosso protector, entregando-o, para com elle adquirirdes maiores vantagens.... somma mais avultada...

LAZARO alegre.

Comprehendo... Estás em fim resolvido a obter a tua liberdade, que Teixeira de Moraes tantas vezes te offereceo, e sempre regeitaste, em troca da cabeça do padre Deiró. A rasão volta a ti; vejo que queres acertar.

COSME.

Sim. Não quero ser mais escravo.

LAZARO.

E será assim, visto que estás disposto a entregar o criminoso.

COSME.

E vós conseguireis a minha liberdade?

LAZARO.

Sim... sim... Porem, Cosme, como, quando obtivei.....

COSME.

Aceitai a cabeça que o algoz deve decepar, para vos augmentar os titulos e riquezas, e não vos importeis saber o meio pelo qual a adquiristes. Eu vos entregarei o padre Deiró... (ouve-se toque de clarim ao longe.) Este toque !

LAZARO.

É da tropa que guarnece a forca; é o signal para o condemnado caminhar para a execução.

COSME indo a grade do fundo.

Grande Deos ! Eis ali erguido o instrumento de morte ! (deixa a grade e vem á Lazaro.) Breve o padre Deiró calcará tambem aquelles negros degrãos. (dão 7 horas.) Sete horas !

LAZARO.

Se prendo o rebelde... será punido tambem como seu complice. Cosme, terás a liberdade. Mas jura que será a mim a quem entregarás teu Senhor ?

COSME.

Juro ! (assustado.) Ouvis ?... Sinto tropel deste lado. (observando a esquerda.) É o condemnado que vem. (leva Lazaro á vêr.) Bequimão caminha para a forca ! Como é bello gosar o fructo do nosso trabalho !

LAZARO com terror.

Eu não o quero vêr. Oh! deixa-me! deixa-me!

COSME como resolvendo um plano.

Não o quereis vêr? Tendes razão. Vinde... elle chega... vinde. (abre a porta da prisão e apontando para dentro.) Ali não seremos vistos. (Lazaro entra e Cosme tambem, fechando a grade após si.)

## SCENA 6.<sup>a</sup>

**BEQUIMÃO, CATHARINA, MARIA, ELIAS, BARTHOLOMEU, COSME**  
(na grade), soldados e o carrasco.

BEQUIMÃO vestido de preto, tendo o baraço no pescoço, pegando o carrasco na ponta da corda, entre os soldados, commovido; principia accordes na orchestra que durão até Bequimão sahir.

Conduzi-me, meus amigos, para o meu Golgotha. Não tenho medo da morte, encarei com ella tantas vezes que me familiarisei demais para a temer agora. Não levo crimes que ponha minha alma em torturas; não, como a recebi de Deos, pura e sem macula, eu a restituo. Oh! só me custa deixar entregues á tanta miseria aquellas infelizes que me acompanhão... oh! Maria! Filha!

MARIA abraçando a Bequimão.

Meu Deos, matai-me em seus braços.

CATHARINA desvairada.

Os anjos recebem sua alma. Os hymnos celestes  
echoem pela morada de Deos.

BEQUIMÃO.

Pobre mulher ! A razão abandonou-a ! A dôr a enloqueceu ! Filha . . . filha ! . . . só . . . só te deixo amparando tua mãe louca . . . louca ! (com dôr.) Oh ! venha a execução . . . estou prompto . . . (vendo Maria.) Careces de resignação para viveres e acompanhares a infeliz mulher de Bequimão no seu triste perigrinar no mundo. Caminharás na estrada da miseria, trilhada já por teu desgraçado pai, mas caminha com a fronte erguida e não cores ainda mesmo estendendo a mão para pedir uma esmola. Mas se a deshonra . . . Maria . . . antes que te vendas ao opprobrio . . . Oh ! prefere morrer, minha filha, não manches o nome de Bequimão.

MARIA afficta.

Morrerei, eu o juro, digna do nome que me legaes.

BEQUIMÃO beijando a Maria e apertando-a nos braços.

Adeos ! . . . adeos ! . . . (deixa a Maria e abraça a Catharina.)  
Esposa !

CATHARINA como desorientada.

Junto do Eterno recebe o premio de tuas virtudes, desafortunado esposo, martyr da liberdade. (ajoelha-se.)

BEQUIMÃO consternado.

Catharina! Oh! é peor do que morrer as vêr soffrer assim. (para o carrasco.) Choraes tambem? Commoeram-te tantas desgraças, e não temes demorar a morte que das tuas mãos espero? E tu, Frei Elias, choras tanto como Deiró choraria se estivesse em teu lugar. (resignando-se.) Ora, vamos. Acabemos com isto. Catharina... Maria... orai por mim que pelo povo MORRO CONTENTE. (sahe acompanhado dos soldados na mesma ordem em que entrou. Cosme, de joelhos á grade da prisão, contempla a Bequimão.)

## SCENA 7.<sup>a</sup>

CATHARINA, MARIA e BARTHOLOMEU.

MARIA em pranto, desesperada.

Meu pai.... meu pai.... Oh! arrebatarem assim um pai a sua filha, um esposo á sua mulher! Não me ouvem já, não me attendem! (vendo Catharina que está de joelhos) Minha mãe... roubarão-nos o que mais amavamos sobre a terra.

## BEQUIMÃO.

BARTHOLOMEU.

Vamos nos degrãos do altar orar a Deos, que só o pode salvar. Vinde, Deos é grande! É misericordioso.

MARIA.

O governador não compadeceu-se das nossas lagrimas e supplicas. De balde, a seus pés, imploramos a vida de Bequimão. Oh! como é cruel! A maldição de Deos... Oh! eu blasphemo! perdão, meu Deos, a desesperação turva-me a cabeça. Oh! meu pai... (corre ás grades do fundo.) É elle! oh! é elle que caminha entre os soldados! Os raios do sol fazem brilhar seus cabellos brancos.... Meu Pai.... Caminha sempre.... dirige-se para a forca! O povo corre a defendel-o, a salvar-o... Não! O povo ri... zomba do martyr, que por elle tudo sacrificou!... Oh! como reverberão á luz do dia as laminas das espadas do despotismo! Tudo está perdido! O que nos resta?

BARTHOLOMEU.

Deos. (ergue a Catharina que se deixa levantar.)

MARIA.

Deos! sim, vamos orar a Deos por meu pai. (sahe pela esquerda.)

BEQUIMÃO.

191

BARTHOLOMEU.

Infelizes! O que forão e o que são! (conduz a Catharina, seguindo Maria.)

## SCENA 8.<sup>a</sup>

COSME e LAZARO.

COSME abrindo a grade, sahe com Lazaro.

Tudo ouvistes, senhor.

LAZARO preocupado.

Sim.... Porem aonde encontrarei o padre Deiró?

COSME.

Aqui. (agarra a Lazaro e o leva ao fundo, mostrando ao longe.) Vedes? Bequimão sobe a infamante escada da forca.... De joelhos.... de joelhos, orai por elle e por vós. (obriga Lazaro a ajoelhar-se.)

LAZARO ajoelhando-se forçado.

Cosme! Cosme!

## BEQUIMÃO.

COSME puchando a faca.

Ah ! preparai-vos, Lazaro de Mello, que ides comparecer perante Deos, com aquelle que trahistes.

LAZARO horrorisado.

Em nome de Deos, piedade !

COSME olhando ao longe, tendo Lazaro preso pelo pulso.

Ah ! o carrasco desprende a mola... Aquelle corpo que balanceia na corda é de Bequimão ! (dando em Lazaro uma facada.) Morre, Lazaro de Mello ! (deixa a faca no peito de Lazaro.)

LAZARO.

Ah ! (cahe em agonia.)

COSME com alegria selvagem.

Sinto passos ! A porta do oratorio me dará liberdade. Padre Deiró, cumpri o meu juramento, vinguei a Bequimão. (sahe pela esquerda precipitadamente.)

SCENA 9.<sup>a</sup>

LAZARO e TEIXEIRA.

TEIXEIRA entrando pela direita.

Elle está aqui. Virão—n'ó entrar, oh! cahiste em meu poder, Cosme.

LAZARO luctando com a morte.

Ah! quem me soccorre? Eu morro!

TEIXEIRA indo a Lazaro.

Grande Deos! Lazaro ensanguentado... quem foi o assassino?

LAZARO.

Es tu, Teixeira de Moraes? O demonio te envia para receber minha alma! Eu morro. Tira-me este ferro que o assassino... cravara-me no coração. Oh! por piedade... Foi uma vingança.....

TEIXEIRA tirando a faca do peito de Lazaro. O governador Gomes Freire apparece á grade da direita.

Vingança! (Lazaro cahé morto.) Morto!

SCENA 10.<sup>a</sup>

**TEIXEIRA, LAZARO** morto, **GOVERNADOR, IODOCO**, soldados, officiaes do governador e **BARTHOLOMEU**.

**GOVERNADOR**, que tem ouvido da grade as ultimas palavras de Teixeira.

Oh ! lá ! (para os soldados.) Prendei o assassino. (os soldados prendem Teixeira e o desarmão.)

**TEIXEIRA** preso.

Senhor, eu estou innocente.

**GOVERNADOR** reconhecendo a Teixeira.

Teixeira de Moraes ! Tudo comprehendo agora. Sepultais no capitão Lazaro de Mello as provas de vossa cumplicidade; foi tarde. El-rei demitte-vos de todos os titulos e condemna-vos a degredo como cumplice de Bequimão, que fostes, crime esse que aggravastes com a morte de Lazaro de Mello. (para Iodoco.) Chegastes tarde, já não vive Bequimão.

**TEIXEIRA**.

Castigo de Deos ! (cahe de joelhos junto ao corpo de Lazaro.)

SCENA 11.<sup>a</sup>

DITOS, MARIA e CATHARINA.

MARIA conduzindo pela mão a Catharina, ambas desgrenhaças e abatidas.  
A orchostra deixa onvir accordes melancolicos.

Uma esmola, pelo amor de Deos, para a filha e para a viuva de Bequimão ! (Todos, pesarosos, abaixão a cabeça e Maria atravessa a scena conduzindo Catharina douda, tendo a mão supplicante estendida. Catharina traz a loucura estampada no rosto, e Maria a dôr e a pobreza.) Uma esmola, pelo amor de Deos, para a filha e para a viuva de Bequimão.

FIM DO DRAMA.

## NOTAS.

Ao meu amigo Themistocles Aranha devo o ter escripto este drama, que vai correr os riscos da publicidade.

Desejos não me faltavão de escrever sobre a vida heroica de Bequimão, esse grande vulto dos tempos coloniaes, mas fugia-me a coragem e pouco a pouco sentia morrer a esperança de algum dia levar a effeito o que tanto desejava, em face do meu acanhado talento e falta de recursos litterarios, necessarios para trabalhos desta ordem; e, a não ser a força de vontade que sempre me acompanha quando escrevo algum drama, e as palavras animadoras do meu amigo, certo não conseguiria a realisação do meu intento.

João Lisboa, no seu TIMON, pedindo que escrevão romances sobre os factos e a vida do heroe de 1685, certamente dirige-se a talentos consummados e conhecidos que o deixarão morrer sem attenderem ao que elle tanto recommendara!

Themistocles encorajou-me; fez reviver em mim essa esperança que julgava morta, e alentou-me o espirito. Dei principio a tarefa, e, concluida, não com pouco trabalho, a entrego ao escapello dos criticos.

Bequimão, que tudo sacrificou pelo povo e pela liberdade da capitania em que vivia, merecia que outra penna, bem apparada, e mais fertil imaginação se occupassem dos seus nobres feitos e de sua vida toda de abnegação e patriotismo.

Infelizmente ainda tal escripto não appareceu, mas é bem possivel que este meu drama seja incentivo para alguma obra de vulto, digna do heroe. Isso mesmo será para mim motivo de grande prazer.

Com a permissão de alguns parentes ou descendentes desse heroe e martyr, publico o meu drama. Dou o que tenho, faço o que posso, e resta-me esperar generosidade dos leitores para com as faltas e erros que encontrarem.

\*  
\* \*

Descendia Bequimão de uma familia alleman—Beckmann—mas o patriotismo o levou a aporuguezar o seu nome, porque elle era portuguez dos velhos tempos! Assignava-se Manoel Bequimão, de onde tirei o titulo do drama.

\*  
\* \*

Não me foi possivel descobrir entre os papeis de 1685, e annos proximos, documento algum que me dissesse como se chamavão a filha e a esposa de Manoel Bequimão! Todos quanto escreverão os factos desses tempos deixarão de citar os nomes dessas duas infelizes, que Gomes Freire immortalisou dando, a ellas, a miseria, e a Bequimão a palma de martyr.

Tambem sente-se igual lacuna emquanto ao nome do escravo do padre Deiró, que tem sido esquecido pelos antigos e modernos escriptores, por julgarem desnecessario legal-o a historia, enriquecida com os feitos de fidelidade, honra e grandeza d'alma desse nobre escravo.

Dei a esposa de Bequimão o nome de Catharina, á filha—o de Maria, e ao escravo do padre Deiró—o de Cosme.

\*  
\* \*

Era-me necessario um tyranno para meu drama e outro não podia achar melhor, mais proprio para esse papel, do que Teixeira de Moraes, cô-rêo de Bequimão, que por inveja urdio intrigas e fez ser enforcado o libertador da capitania do Maranhão.

Modélado pelos historiadores, só tive o trabalho de o encaixilhar no drama tal qual elle foi, sem de meu dar uma pincelada de côr negra, para afeial-o aos olhos do leitor; não, hediondo como era o seu character, eu o apresento—nu e crú.

\*  
\* \*

Lazaro de Mello, segundo a historia, morrera annos depois da execução de Bequimão, e fora victima de um desses accasos de que Deos se serve para punir os miseraveis, tão dignos do desprezo dos homens, como do castigo divino.

Depois de haver trahido seu bemeitor, de o entregar ao furor de Gomes Freire, impio governador do Maranhão, Lazaro de Mello fora encontrado morto em um seu monjolo de fazer farinha, onde a justiça do ceo teve lugar.

Fiz Cosme assassinal-o no ultimo acto, porque, fugindo neste ponto da historia, julguei tornar melhor o entrecho do drama, castigando o traidor assim como o algoz Teixeira de Moraes.

Cosme, esse prototypo de probidade, assassino de Lazaro!

Cosme foi a mão de Deos, que punio o anjo decahido, o lançando no inferno.